

Im Deus



Robert S. Folkenberg

Uma igreja em mudança: como vamos reagir? Sentir-nos-emos ameaçados por pessoas de raça, cor ou línguas diferentes? Ou alegrar-nos-emos no miagre do evangelho que é unir tantos povos diversos num único corpo?

Meus amigos: Assim como o evangelho eterno avança apenas pelo poder do Espírito Santo, também apenas pelo mesmo Espírito seremos nós capazes de permanecer unidos. A unidade a igreja, tal como o crescimento, provém apenas do Senhor!

A despeito das pressões do mundo para nos apartar, eu estou confiante em que a Igreja Adventista do Sétimo Dia permanecerá unida nos dias que estão nossa frente. Nós temos quatro grandes elos que nos unem, que as outras igrejas não têm:

1. Uma mensagem comum. Desde o princípio que a doutrina tem sido importante para os Adventistas e ainda o é. A Segunda Vinda, o Sábado, o santuário, a mensagem dos três anjos, o estado dos mortos — estas doutrinas são os pilares da nossa fé. E as 27 crenças fundamentais unem-nos mundialmente na mesma doutrina.

2. Uma missão comum. A Grande Comissão (Mat. 28:18-20) dá-nos as nossas ordens de marcha. Nós não somos apenas uma igreja — somos um movimento! Temos um projecto e um propósito. Sabemos para onde vamos!

3. Um estilo de vida comum. Somos um povo que acredita em viver para a honra e glória de Deus, honrando-O através do que fazemos, dizemos, ouvimos e vemos. Nós enorajamos a simplicidade no vestir e no viver. O sábado chama-nos de volta a Deus em tudo o que fazemos — não só durante um dia da semana, mas nos seus sete dias.

4. Uma esperança comum. Jesus vai voltar! Temos esta esperança que reside nos nossos corações. Um dia, crentes, os céus abrir-se-ão e o nosso Salvador, que há tanto esperamos, voltará. «Virei outra vez», prometeu Ele

(João 14:1-3), e nós sabemos que Ele cumprirá a Sua palavra.

Contudo, para além destes quatro grandes elos, está o próprio Jesus. A nossa unidade, finalmente, encontra-se n'Ele apenas. Foi Ele que nos fez um — Ele é o nosso Criador.

E a Sua cruz também nos fez um. «Porque Ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e derribando a parede de separação que estava no meio... para criar em si mesmo dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus... Porque por Ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito» (Efés. 2:14-18).

Ellen White realça este ponto: «O segredo da unidade encontra-se na igualdade entre os crentes em Cristo. A razão de todas as divisões, discórdias e diferenças encontra-se na separação de Cristo. Cristo é o centro para o qual todos devem ser atraídos; pois quanto mais nos aproximamos do centro, tanto mais nos aproximaremos uns dos outros em sentimento, em simpatia, em amor, crescendo no carácter e imagem de Jesus. Para Deus não há acepção de pessoas.» (*Mensagens Escollidas*, Livro 1, p. 259.)

Enquanto os Adventistas se mantiverem unidos a Jesus, nós permaneceremos juntos. N'Ele só — não em programas ou planos — está a nossa unidade. Se nos mantivermos com Ele, manter-nos-emos uns com os outros.

Sede humildes e amáveis, agindo «com longaminidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; Um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos» (Efés. 4:1-6).

Robert S. Folkenberg é o presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Educação Cristã, uma prioridade



Revista Mensal • Preço 100\$00

NESTE NÚMERO

2 Que Missão a Tua, Professor!

Por Elias Pereira Mendes

3 Os Pilares da Educação Cristã

Por Joaquim Dias

4 Deus Educa o Homem!!!

Por Victor Alves

5 O Pai Ideal

Por Humberto M. Rasi

7 «Uma questão de qualidade»

Por Victor Alves

8 As Nossas Escolas

14 Tomar a Sua Cruz

Por Pedro Brito Ribeiro

16 Notícias

20 Um Povo, Um Deus

Por Robert S. Folkenberg

CAPA:

Alunas do Colégio Adventista de Lisboa

PENSAMENTO DO MÊS

«Ensinar é ajudar a aprender.»

C. B. Eavey

Que Missão a Tua, Professor!

Não tens a resistência da pedra,
mas modelas caracteres.

Não tens a energia de uma lâmpada,
mas iluminas continuamente.

Não tens as fibras de um pincel,
porém marcas a vida dos teus discípulos.

Não tens o poder dos políticos,
mas governas plenamente.

Não tens o perfume das flores,
mas és um cheio de vida para a vida.

Não tens a coroa dos reis,
mas a maior glória te espera.

Não tens o salário tão significativo em escudos,
mas muitos sorrisos de eterno agradecimento.

Não tens o poder das bombas,
mas o destino de muitos em tuas mãos.

Não tens o jardim do Éden como ambiente de trabalho,
mas a mais encantadora flor enfeitada a tua vida — a criança.

Não tens a maior das posições,
mas a mais sublime de todas as missões.

Não tens o poder criador,
mas a formação de uma nova geração é a tua tarefa.

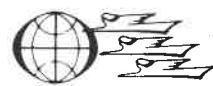
Não tens o domínio de todas as ciências,
mas o Mestre da Galileia é a tua fonte de sabedoria.

Não tens o merecido reconhecimento humano,
mas, porque o teu trabalho «Não é vão no Senhor», a
mais ditosa de todas as recompensas te aguarda no dia final.

Elias Pereira Mendes

(In Revista da Casa Publicadora Brasileira
(XVIII Assembleia Geral Ordinária)

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Junho de 1993 — Ano L • N.º 554

DIRECTOR:

J. Dias

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual

1000\$00

Número Avulso

100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. (044) 402413

Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83

EDITORIAL



Os Pilares da Educa

Ao falar e escrever sobre educação, pensa-se logo em escolas e professores, devido à sua alta e importante função nesta tarefa. Estamos contentes e muito gratos a Deus pela dedicação e competência dos nossos professores em favor da nossa juventude, pois, «a mais bela obra já empreendida por homens e mulheres é lidar com espíritos jovens.» — E. G. White, *Conselhos Sobre Educação*, p. 1.

Esta importante tarefa, no entanto, precisa de ser iniciada antes da escola pelos pais e acompanhada pela Igreja. Sobre a responsabilidade dos pais, somos lembrados que «a obra dos pais precede a do professor. Têm uma escola no lar — o primeiro grau. Se cuidadosamente e com oração procurarem conhecer e desempenhar seu dever, prepararão os filhos para entrar no segundo grau — receber instruções do professor.» — E. G. White, *Orientação da Criança*, p. 19. No que se refere ao papel da igreja, somos advertidos de que, «mui pouca atenção na verdade tem sido dada a nossas crianças e jovens. Os membros mais idosos da igreja não os têm olhado com ternura e simpatia.» — *Conselhos Sobre Educação*, p. 182.

Esta é uma declaração muito séria e de graves consequências. Temos que assumir, como pais, como membros e como responsáveis da igreja: as nossas crianças, nossos filhos e jovens em geral têm sido negligenciados, as suas capacidades têm sido subaproveitadas e os seus problemas têm sido subestimados.

A nível mundial, a Conferência Geral lançou o brado de que «já é tempo» de considerarmos os jovens, não a igreja de amanhã, mas a igreja de HOJE! Dos vários votos e acções tomadas a nível da C. Geral e da Divisão, resumem-se duas recomendações essenciais, que devem ser postas em

prática, por intermédio das Uniões, em cada igreja.

1. Integração total do jovem como membro da igreja

Cada jovem, após o seu baptismo, deve ser plenamente considerado como membro da igreja, da mesma maneira que um membro adulto, assumindo deveres e responsabilidades, não em função da sua idade, mas das suas capacidades. Importa confiar nos jovens e dar-lhes as mesmas oportunidades dos adultos. A experiência tem demonstrado que a melhor maneira de formar e manter os jovens na igreja é envolvê-los nas actividades, deixar que eles se identifiquem, assumindo responsabilidades. Nesta confiança está implícito o risco de falhar, tal como acontece com os adultos. Esses falhanços serão novas oportunidades para recomeçar e aprender a ter sucesso.

Devido ao aumento dos anos de estudo, o período da adolescência é mais longo e os jovens só tardiamente têm oportunidade de se sentirem úteis na sociedade. Isso acarreta grandes problemas para a juventude, que precisa de alcançar a sua independência nas várias áreas da vida e poder realizar tarefas que dêem sentido à vida. A igreja, atenta a esta realidade, pode providenciar esta oportunidade, concedendo o espaço, a confiança e os meios para uma participação activa.

2. Cuidar da educação e formação religiosa na igreja mais cedo

Não basta contentar-nos com a Escola Sabatina das crianças e dos jovens. A educação religiosa, na igreja, precisa de ser mais cuidada e proporcionada aos vários grupos etários mais cedo do que habitualmente. Uma Comissão Especial foi nomeada na nossa Divisão para facilitar este objectivo. Das várias recomendações às igrejas salienta-se que:

A Missão a Tua, Professor!

sistência da pedra,
s caracteres.
ergia de uma lâmpada,
is continuamente.
lbras de um pincel,
as a vida dos teus discípulos.
der dos políticos,
as plenamente.
rfume das flores,
cheio de vida para a vida.
roa dos reis,
r glória te espera.
lário tão significativo em escudos,
sorrisos de eterno agradecimento.
der das bombas,
no de muitos em tuas mãos.
rdim do Éden como ambiente de trabalho,
encantadora flor enfeitada a tua vida — a criança.
aior das posições,
sublime de todas as missões.
der criador,
ação de uma nova geração é a tua tarefa.
mínio de todas as ciências,
re da Galileia é a tua fonte de sabedoria.
erecido reconhecimento humano,
o teu trabalho «Não é vão no Senhor», a
de todas as recompensas te aguarda no dia final.

Elias Pereira Mendes

(In Revista da Casa Publicadora Brasileira
(XVIII Assembleia Geral Ordinária))

**REDAÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO**
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:
Assinatura Anual 1000\$00
Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575
Depósito Legal n.º 2705/83



Os Pilares da Educação Cristã

Ao falar e escrever sobre educação, pensa-se logo em escolas e professores, devido à sua alta e importante função nesta tarefa. Estamos contentes e muito gratos a Deus pela dedicação e competência dos nossos professores em favor da nossa juventude, pois, «a mais bela obra já empreendida por homens e mulheres é lidar com espíritos jovens.» — E. G. White, *Conselhos Sobre Educação*, p. 1.

Esta importante tarefa, no entanto, precisa de ser iniciada antes da escola pelos pais e acompanhada pela Igreja. Sobre a responsabilidade dos pais, somos lembrados que «a obra dos pais precede a do professor. Têm uma escola no lar — o primeiro grau. Se cuidadosamente e com oração procurarem conhecer e desempenhar seu dever, prepararão os filhos para entrar no segundo grau — receber instruções do professor.» — E. G. White, *Orientação da Criança*, p. 19. No que se refere ao papel da igreja, somos advertidos de que, «muita pouca atenção na verdade tem sido dada a nossas crianças e jovens. Os membros mais idosos da igreja não os têm olhado com ternura e simpatia.» — *Conselhos Sobre Educação*, p. 182.

Esta é uma declaração muito séria e de graves consequências. Temos que assumir, como pais, como membros e como responsáveis da igreja: as nossas crianças, nossos filhos e jovens em geral têm sido negligenciados, as suas capacidades têm sido subaproveitadas e os seus problemas têm sido subestimados.

A nível mundial, a Conferência Geral lançou o brado de que «já é tempo» de considerarmos os jovens, não a igreja de amanhã, mas a igreja de HOJE! Dos vários votos e acções tomadas a nível da C. Geral e da Divisão, resumem-se duas recomendações essenciais, que devem ser postas em

prática, por intermédio das Uniões, em cada igreja.

1. Integração total do jovem como membro da igreja

Cada jovem, após o seu baptismo, deve ser plenamente considerado como membro da igreja, da mesma maneira que um membro adulto, assumindo deveres e responsabilidades, não em função da sua idade, mas das suas capacidades. Importa confiar nos jovens e dar-lhes as mesmas oportunidades dos adultos. A experiência tem demonstrado que a melhor maneira de formar e manter os jovens na igreja é envolvê-los nas actividades, deixar que eles se identifiquem, assumindo responsabilidades. Nesta confiança está implícito o risco de falhar, tal como acontece com os adultos. Esses falhanços serão novas oportunidades para recomeçar e aprender a ter sucesso.

Devido ao aumento dos anos de estudo, o período da adolescência é mais longo e os jovens só tardiamente têm oportunidade de se sentirem úteis na sociedade. Isso acarreta grandes problemas para a juventude, que precisa de alcançar a sua independência nas várias áreas da vida e poder realizar tarefas que dêem sentido à vida. A igreja, atenta a esta realidade, pode providenciar esta oportunidade, concedendo o espaço, a confiança e os meios para uma participação activa.

2. Cuidar da educação e formação religiosa na igreja mais cedo

Não basta contentar-nos com a Escola Sabatina das crianças e dos jovens. A educação religiosa, na igreja, precisa de ser mais cuidada e proporcionada aos vários grupos etários mais cedo do que habitualmente. Uma Comissão Especial foi nomeada na nossa Divisão para facilitar este objectivo. Das várias recomendações às igrejas salienta-se que:

— O pastor organize instrução religiosa específica para o grupo etário dos 8 aos 12 anos. Uma boa prática é combinar esse ensino com as actividades dos Tições e Desbravadores.

— As Sociedades de Pais devem ser reactivadas em todas as igrejas. Será uma maneira não somente de ajudar os pais e as famílias adventistas, mas pode também ser um excelente meio de ajudar a sociedade que circunda a igreja. Temos bons programas de família e preciosos livros sobre o lar, a educação e a família.

— Maior ênfase deve ser dada aos ritos e cerimónias de «iniciação», tais como investiduras, baptismo, casamentos, etc. Estas cerimónias bem programadas e espiritualizadas podem marcar positivamente os participantes para toda a vida.

— Mais oportunidades de participação devem ser proporcionadas às crianças e aos jovens na organização dos seus programas e nas actividades da igreja em geral. Isto pode ser feito na planificação dum programa para as crianças ou para os jovens, dando-lhes tempo nas reuniões comuns da igreja, testemunhando, cantando, levantando a oferta, colaborando com os diáconos, etc. Seremos surpreendidos com a seriedade e capacidade dos nossos juvenis e jovens.

Com este programa, suficientemente amplo e abarcante de educação, estaremos a cuidar dos nossos filhos e dos nossos jovens, ajudando-os a superar as crises e a construir uma ponte de comunicação. Como alguém afirmou, «o bom relacionamento que foi estabelecido bem cedo na vida, amainará as tempestades da adolescência», e comprova as palavras do sábio inspirado: «Instrui ao menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele» (Prov. 22:6).

J. Dias

Presidente da União Portuguesa

Deus Educa o Homem!!!

Deus sempre procurou educar o homem. Procurou avisá-lo de todas as coisas que iriam acontecer. Em Amós 3:7 diz o seguinte: «Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos os profetas.» Deus age assim para connosco porque alguns de nós têm uma memória muito curta, uma débil memória. É por esta razão que Deus está sempre em cima do acontecimento, evitando assim o pior para o homem.

Hoje mais do que nunca, Deus age da mesma maneira. Deus fala ao homem através da Sua Palavra, do Espírito de Profecia, através de homens consagrados que, por meio de pregações, conferências, artigos de revistas e de jornais, anunciam a vontade de Deus para este tempo.

Estaremos nós atentos ao chamado de Deus? Aceitaremos nós o chamado de Deus? Seremos nós incrédulos? Conhecemos nós a voz de Deus falando aos nossos corações? Teremos nós dúvidas? Seremos nós iguais ao povo de Israel do passado?

Ellen White, no seu livro, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 35, diz: «O povo, porém, era tardio para compreender a lição.» É por causa desta condição que a História se repete e porque a História se

repete, o apóstolo Paulo diz-nos em Romanos 15:4 o seguinte: «Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, (...) para que tenhamos esperança.»

O plano ideal de Deus, na educação do homem, era o LAR. Os pais, fiéis representantes de Deus nesta terra, seriam os grandes professores dos seus filhos. A família era a escola e os pais os professores. Deus criava as condições desde que o homem aceitasse a Sua orientação. Este método vai ser posto à prova quando o povo tem que permanecer sobre a influência do Egipto. Os resultados vão ser desastrosos. Poucos havia preparados para educar os filhos. Necessitavam de instrução e disciplina. Fo-

ram vítimas de uma longa escravidão. Eram ignorantes, indisciplinados, degradados e com pouco conhecimento de Deus enquanto a sua fé não existia. Confundidos com falsos ensinamentos, os resultados foram de uma tal amplitude que, pela contemplação, foram totalmente transformados.

Perante tal situação, Deus tentou educar o Seu povo através do deserto, mas o povo, porém, era tardio para compreender a lição. Os resultados vão ser catastróficos. Tornaram-se indiferentes para com Deus e os seus próprios filhos. A infidelidade no lar vai ser uma constante e as influências idólatras vão entrar dentro do lar. Os jovens recebiam uma educação diferente da educação de Deus. E Deus novamente vai agir através das Escolas dos Profetas, dirigidas pelo profeta Samuel. Os resultados, no seu início, foram óptimos. Israel atingiu o seu mais alto expoente de grandeza como nação. No entanto, o povo esqueceu, caiu na idolatria, porque David e Salomão pecaram contra Deus e os Seus princípios. Vai ser a queda nacional.

Será que Deus mudou os Seus planos quanto aos objectivos da educação, por estarmos no limiar do Séc. XXI? Haverá outra educação requerida por Deus? Com certeza que não. Estaremos nós conscientes deste momento? Estamos nós certos de que fazemos tudo ou alguma coisa pelos princípios da Educação Adventista em Portugal? Estaremos nós passivos quanto ao desafio?

Irmãos, a Educação Adventista é a única que visa, acima de tudo, a salvação dos seus alunos. As nossas escolas fazem todos os esforços para dar uma educação correcta, para que os alunos sejam homens de critério, fortes, prudentes, sóbrios e bons cidadãos, mas, acima de tudo, cidadãos do universo.

Que estamos nós fazendo? Será que estamos interessados na vida eterna dos nossos alunos, dos nossos filhos? Agora que nós temos possibilidade de

Victor Alves

escolher a escola e o ensino que gostaríamos que os nossos filhos tenham, a quem entregamos os nossos filhos? A quem?

Ellen White, em *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, à pág. 147, diz o seguinte: «Nada é de maior importância do que a educação de nossas crianças e jovens. (...) A igreja deve despertar e manifestar profundo interesse nesta obra.» Temos um grande desafio diante de nós, o qual se encontra no mesmo livro, à pág. 148: «A responsabilidade que repousa sobre os pais, professores e membros da igreja, de fazerem sua parte em cooperação com Deus, é tão grande que não pode ser expressa por palavras.»

As crianças, os adolescentes, os jovens e os nossos alunos clamam!!! Ouvimos nós o que dizem? Ouvimos o que Deus nos está dizendo através e em favor deles? Eles clamam a todos nós: Que estais fazendo para me aproximar de Deus? Que estais dizendo para me ajudar a compreendê-lo? O melhor? Quais são as maneiras em que demonstrais que O conheceis pessoalmente? Será o vosso exemplo seguro para eu O seguir? É Deus realmente importante para vós? Como posso sabê-lo?

Por que razão esta tão grande insistência com os nossos jovens, adolescentes, alunos e os nossos filhos? Porquê? Eles são a esperança da igreja hoje e amanhã!!! São as crianças de Deus!!! São a herança do Senhor e preciosos à Sua vista. Um dia Ele os requererá de nós. Que resposta vamos dar à responsabilidade que encontramos descrita em Jeremias 13:20: «Onde está o rebanho que se te deu, e as ovelhas da tua glória?» Será que daremos a resposta que encontramos em Isa. 8:18? «Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor.»

Que o nosso Deus continue a abençoar a obra educacional, quer mundial quer em Portugal, são os meus votos e a minha oração.

Victor Alves é Departamental de Educação e professor no Colégio Adventista de Oliveira do Douro.

O Pai I

Várias correntes de pensamento estão hoje suscitando confusão ao tentarem definir o papel do homem na sociedade e, particularmente, na família. Marcelo Mastroianni, o conhecido actor italiano, referia-se-lhe recentemente nos seguintes termos: «O homem moderno não é tão viril como dantes. Em vez de tomar a iniciativa para conseguir o que deseja, espera que as coisas aconteçam. Deixa-se levar simplesmente pelas circunstâncias. Por qualquer razão, parece ter perdido a capacidade de nadar contra a corrente.»

Num mundo em mutação, como é o nosso, é útil que os pais reflitam sobre a importante função que lhes cabe desempenhar no círculo da família. E isso torna-se imperioso na medida em que se constata que o papel da mãe também se está alterando, sobretudo porque cada vez há mais mulheres que trabalham fora do lar.

Características Essenciais

Quais são as qualidades que distinguem um pai ideal? O apóstolo Paulo, numa significativa passagem, sublinha quatro características que podem definir o pai cristão: «Vigiai, estai firmes na fé; portai-vos varonilmente e fortalecei-vos. Todas estas coisas sejam feitas com amor» (I Cor. 16:13, 14).

Fé. A fé do pai cristão nutre-se pelo estudo regular da Bíblia e pela conversação diária com Deus através da oração. É isso que lhe permite enfrentar as lutas da vida, confiando no Criador do Universo, sabendo que Ele o ama pessoalmente e que tem um plano para a sua existência.

Além de praticar a devoção pessoal, o pai cristão procura cultivar também a fé dos seus filhos. Segun-

Humberto M.

Hoje mais do que nunca, Deus age
mesma maneira. Deus fala ao ho-
m através da Sua Palavra, do Es-
ito de Profecia, através de homens
nsagrados que, por meio de prega-
es, conferências, artigos de revis-
e de jornais, anunciam a vontade
Deus para este tempo.

Estaremos nós atentos ao chamado
Deus? Aceitaremos nós o chama-
de Deus? Seremos nós incrédulos?
nhecemos nós a voz de Deus fa-
do aos nossos corações? Teremos
s dúvidas? Seremos nós iguais ao
vo de Israel do passado?

Ellen White, no seu livro, *Conse-
s aos Pais, Professores e Estudan-
s*, pág. 35, diz: «O povo, porém, era
dio para compreender a lição.» É
r causa desta condição que a His-
ria se repete e porque a História se

10

pete, o apóstolo Paulo diz-nos em
omanos 15:4 o seguinte: «Porque
do o que dantes foi escrito, para
sso ensino foi escrito, (...) para que
nhamos esperança.»

O plano ideal de Deus, na educa-
ão do homem, era o LAR. Os pais,
éis representantes de Deus nesta ter-
a, seriam os grandes professores dos
eus filhos. A família era a escola e
s pais os professores. Deus criava
s condições desde que o homem
ceitasse a Sua orientação. Este mé-
do vai ser posto à prova quando o
ovo tem que permanecer sobre a in-
luência do Egípto. Os resultados vão
er desastrosos. Poucos havia prepa-
ados para educar os filhos. Neces-
itavam de instrução e disciplina. Fo-

ram vítimas de uma longa escravidão.
Eram ignorantes, indisciplinados, de-
gradados e com pouco conhecimen-
to de Deus enquanto a sua fé não exis-
tia. Confundidos com falsos ensin-
os resultados foram de uma tal am-
plitude que, pela contemplação, fo-
ram totalmente transformados.

Perante tal situação, Deus tentou
educar o Seu povo através do deser-
to, mas o povo, porém, era tardio pa-
ra compreender a lição. Os resulta-
dos vão ser catastróficos. Tornaram-
se indiferentes para com Deus e os
seus próprios filhos. A infidelidade no
lar vai ser uma constante e as influên-
cias idólatras vão entrar dentro do lar.
Os jovens recebiam uma educação di-
ferente da educação de Deus. E Deus
novamente vai agir através das Esco-
las dos Profetas, dirigidas pelo pro-
feta Samuel. Os resultados, no seu
início, foram ótimos. Israel atingiu
o seu mais alto expoente de grande-
za como nação. No entanto, o povo
esqueceu, caiu na idolatria, porque
David e Salomão pecaram contra
Deus e os Seus princípios. Vai ser a
queda nacional.

Será que Deus mudou os Seus pla-
nos quanto aos objectivos da educa-
ção, por estarmos no limiar do Séc.
XXI? Haverá outra educação reque-
rida por Deus? Com certeza que não.
Estaremos nós conscientes deste mo-
mento? Estamos nós certos de que fa-
zemos tudo ou alguma coisa pelos
princípios da Educação Adventista em
Portugal? Estaremos nós passivos
quanto ao desafio?

Irmãos, a Educação Adventista é a
única que visa, acima de tudo, a sal-
vação dos seus alunos. As nossas es-
colas fazem todos os esforços para dar
uma educação correcta, para que os
alunos sejam homens de critério, for-
tes, prudentes, sóbrios e bons cida-
dãos, mas, acima de tudo, cidadãos
do universo.

Que estamos nós fazendo? Será que
estamos interessados na vida eterna
dos nossos alunos, dos nossos filhos?
Agora que nós temos possibilidade de

escolher a escola e o ensino que gosa-
ríamos que os nossos filhos tenham, a
quem entregamos os nossos filhos? A
quem?

Ellen White, em *Conselhos aos
Pais, Professores e Estudantes*, à pág.
147, diz o seguinte: «Nada é de maior
importância do que a educação de
nossas crianças e jovens. (...) A igreja
deve despertar e manifestar profun-
do interesse nesta obra.» Temos um
grande desafio diante de nós, o qual
se encontra no mesmo livro, à pág.
148: «A responsabilidade que repou-
sa sobre os pais, professores e mem-
bros da igreja, de fazerem sua parte
em cooperação com Deus, é tão gran-
de que não pode ser expressa por pa-
lavras.»

As crianças, os adolescentes, os jo-
vens e os nossos alunos clamam!!!
Ouvimos nós o que dizem? Ouvimos
o que Deus nos está dizendo através
e em favor deles? Eles clamam a to-
dos nós: Que estais fazendo para me
aproximar de Deus? Que estais dizen-
do para me ajudar a compreendê-l'O
melhor? Quais são as maneiras em
que demonstrais que O conheceis pes-
soalmente? Será o vosso exemplo se-
guro para eu O seguir? É Deus real-
mente importante para vós? Como
posso sabê-lo?

Por que razão esta tão grande in-
sistência com os nossos jovens, ado-
lescentes, alunos e os nossos filhos?
Porquê? Eles são a esperança da igre-
ja hoje e amanhã!!! São as crian-
ças de Deus!!! São a herança do Se-
nhor e preciosos à Sua vista. Um dia
Ele os requererá de nós. Que respos-
ta vamos dar à responsabilidade que
encontramos descrita em Jeremias
13:20: «Onde está o rebanho que se-
te deu, e as ovelhas da tua glória?»
Será que daremos a resposta que en-
contramos em Isa. 8:18? «Eis-me
aqui, com os filhos que me deu o Se-
nhor.»

Que o nosso Deus continue a aben-
çoar a obra educacional, quer mun-
dial quer em Portugal, são os meus
votos e a minha oração.

Victor Alves é Departamental de Educação e
professor no Colégio Adventista de Oliveira
do Douro.

Victor Alves

O Pai Ideal

Várias correntes de pensamento es-
tão hoje suscitando confusão ao
tentarem definir o papel do homem
na sociedade e, particularmente, na
família. Marcelo Mastroianni, o co-
nhecido actor italiano, referia-se-lhe
recentemente nos seguintes termos:
«O homem moderno não é tão viril
como dantes. Em vez de tomar a ini-
ciativa para conseguir o que deseja,
espera que as coisas aconteçam.
Deixa-se levar simplesmente pelas
circunstâncias. Por qualquer razão,
parece ter perdido a capacidade de na-
dar contra a corrente.»

Num mundo em mutação, como é
o nosso, é útil que os pais reflitam so-
bre a importante função que lhes ca-
be desempenhar no círculo da famí-
lia. E isso torna-se imperioso na me-
dida em que se constata que o papel
da mãe também se está alterando, so-
bretudo porque cada vez há mais mu-
lheres que trabalham fora do lar.

Características Essenciais

Quais são as qualidades que distin-
guem um pai ideal? O apóstolo Pau-
lo, numa significativa passagem, su-
blinha quatro características que po-
dem definir o pai cristão: «Vigiai, es-
tai firmes na fé; portai-vos varonil-
mente e fortalecei-vos. Todas estas
coisas sejam feitas com amor» (I Cor.
16:13, 14).

Fé. A fé do pai cristão nutre-se pelo
estudo regular da Bíblia e pela con-
versação diária com Deus através da
oração. É isso que lhe permite enfren-
tar as lutas da vida, confiando no
Criador do Universo, sabendo que
Ele o ama pessoalmente e que tem um
plano para a sua existência.

Além de praticar a devoção pes-
soal, o pai cristão procura cultivar
também a fé dos seus filhos. Segun-

do a idade que têm, lê-lhes histórias
bíblicas ou estuda com eles a Palavra
de Deus. Orienta-os igualmente acer-
ca da origem, propósito e destino da
vida humana. Responde com paciên-
cia às perguntas que os filhos lhe fa-
zem sobre religião. Acompanhado da
sua família, assiste regularmente às
reuniões da igreja. Que quadro ani-
mador é ver um pai, participando do
culto de adoração a Deus, rodeado
por todos os seus filhos e filhas!

Para além do culto privado e pú-
blico, a fé do pai cristão reflecte-se
numa conduta digna e honrosa, que
serve de exemplo a toda a família. As-
sim, ele evita o constrangimento dos
pais que dizem aos filhos: «Faz o que
digo e não o que eu faço.»

Valentia. Há pessoas que pensam
que a valentia masculina só se de-
monstra por actos de força e coragem
física. É certo que o pai ideal está
pronto a dar a vida para defender a
sua família. Todavia, a valentia do pai
cristão revela-se de maneira menos
espectacular mas mais efectiva ao en-
frentar com coragem os desafios da
vida diária, ao tomar decisões justas
sem se importar com as consequên-
cias, ou ao reconhecer os seus erros
e pedir perdão a quem ofendeu.

Esforço. O pai cristão assume com
responsabilidade a tarefa de prover o
necessário para a sua família. Qual-
quer que seja o seu ofício ou profis-
são, cumpre as suas obrigações cabal-
mente, de forma a ter o suficiente pa-
ra alimentar, vestir e educar os seus
filhos, e para contribuir para o bem
da sociedade.

O pai ideal não se limita a ganhar
honestamente o pão da família, me-
diante um trabalho remunerado. Aju-
da também a esposa e mãe na difícil
missão de criar os filhos pequenos e

Humberto M. Rasi

«Uma questão de qua

Há tendência para considerarmos os aspectos quantitativos da educação (o número de alunos inscritos, um elevado número de alternativas e opções nos vários cursos, um elevado índice de aprovações ou reprovações, etc.) em vez dos aspectos qualitativos.

Em termos políticos, a quantidade anda sempre à frente da qualidade, ou dá-se-lhe pouca atenção.

Diz-se que uma educação é de qualidade quando é boa e perfeita.

Claro que é uma utopia pensarmos desta maneira — atingir a perfeição. Em termos filosóficos, a perfeição significa «acabado» e não existe mais nada para além da perfeição. Aqui, uma educação perfeita será aquela que se vai desenvolvendo ao longo da vida de um ser humano e será de qualidade quando aperfeiçoa todos os factores da pessoa humana e todos os aspectos da existência do homem.

Assim, esta educação de qualidade passa por ser um processo completo, na medida em que abrange tanto os factores internos, que constituem a personalidade de cada um, como as manifestações externas da sua vida, tendo em conta o mundo em que vive e, por conseguinte, a sociedade que o rodeia e envolve.

Passaremos a especificar alguns indicadores, para apreciar e, se possível, aferir a qualidade da educação, uma educação perfeita, boa, completa, total.

Em primeiro lugar, uma educação de qualidade é aquela que se ocupa em estimular

e orientar adequadamente as aprendizagens específicas ou não específicas.

É evidente que os nossos alunos têm que ser estimulados para a aquisição de conhecimento e hábitos que vão fazer deles cidadãos do mundo, a fim de participarem nos bens da cultura deste mesmo mundo em que vivem, e que, ao mesmo tempo, lhes vão proporcionar uma capacidade técnica para participar de um modo activo na vida social.

Temos de ter cuidado com esse conhecimento que os tornará cidadãos do mundo. Qual a fonte desse conhecimento?

Ellen White, no seu livro, *Educação*, à pág. 16, diz: «Desde que Deus é a fonte de todo o verdadeiro conhecimento, é (...) o principal objectivo da educação dirigir a mente à revelação que Ele faz de si próprio».

Logo, uma educação de qualidade é aquela que coloca Deus como o autor de todo o conhecimento. E nós, como educadores, temos que adquirir esse conhecimento, o qual só será possível com uma comunhão directa e íntima com Deus. Se assim for, os nossos estímulos serão elevados e estaremos a realizar o ideal de Deus. Assim, os nossos alunos serão cidadãos do mundo, mas acima de tudo, serão cidadãos do universo.

Há uma esperança para a raça humana de que o conhecimento de Deus seja restaurado, e Jesus veio restaurar esse conhecimento. No entanto, Jesus viveu na dependência de Deus e em comunhão com Ele. A vida de Jesus foi de constante confiança, manti-

da por uma comunhão contínua, recebendo vida de Deus comunicando-a aos outros.

Assim, pensamos que todos nós, como educadores que somos, se quisermos participar nesta educação de qualidade temos que manter uma íntima comunhão com Deus e beber d'Ele todo o conhecimento para depois sermos canais capazes de estimular e orientar adequadamente os nossos alunos e filhos num caminho puro e nobre em todos os sentidos da vida, quer prática quer íntima.

Diz-nos Ellen White, no seu livro *Educação*, à pág. 14, seguinte: «A verdadeira educação mais elevada é transmitida por Aquele com quem é tão a sabedoria e a força (Jc 12:13) e de cuja boca vem conhecimento e o entendimento (Prov. 2:6). Todo o saber e desenvolvimento real têm a sua fonte no conhecimento de Deus. Para onde quer que nos volvamos, seja para o mundo físico, intelectual ou espiritual (...) Qualquer que seja o ramo de investigação a que procedemos com um sincero propósito de chegar à verdade, somos postos em contacto com a inteligência invisível e poderosa que opera em tudo e através de tudo. A mente humana é colocada em comunhão com a mente divina, o finito com infinito. O efeito de tal comunhão sobre o corpo, o espírito e a alma, está além de toda estimativa.»

Depois deste grande indicador para uma verdadeira educação de qualidade, os outros indicadores virão com toda naturalidade, na medida em que todos eles terão uma ce-

de manter o lar em ordem. Eleanor Roosevelt observou: «O homem que considera degradante lavar a loiça em casa, ou mudar a roupa a seu filho pequeno, não amadureceu o suficiente para ser um bom pai de família.»

Amor. Em sentido bíblico, amar significa planear e actuar para o bem de outra pessoa. Este belo ideal manifesta-se concretamente na relação do pai com sua esposa e filhos. O melhor que um pai pode fazer para o desenvolvimento emocional dos seus filhos é amar de veras a mãe deles. Está provado que os rapazes imitarão a conduta do pai, quando crescerem. E as filhas, ao observarem o pai, ir-se-ão formando uma ideia quanto ao tipo de homem que um dia não-de escolher como marido.

O pai cristão disciplina os filhos com firme amor, ajudando-os a desenvolverem um carácter sólido. Acima de tudo, aquilo de que os filhos mais necessitam nesta sua etapa formativa é que o pai lhes dedique tempo, para escutar as suas preocupações, para ajudá-los nos seus trabalhos escolares, para lhes contar histórias, ou, simplesmente, para brincar com eles.

Quando pais e filhos passam tempo juntos em actividades úteis ou recreativas, vão-se formando laços de amizade que facilitam a comunicação dos valores cristãos à nova geração.

Um modelo bíblico

Entre as personagens da Bíblia, há uma que personifica as qualidades de um bom pai. Referimo-nos a José, o esposo da Virgem Maria e pai terrestre de Jesus. Embora tendo poucos dados sobre a sua vida, estes são suficientes para traçar o seu perfil humano.

José — cujo nome em hebraico significa «que o Senhor acrescenta» — pertencia à classe modesta da sociedade e vivia numa obscura aldeia da Galileia. Ganhava a vida como carpinteiro e construtor, fazendo mesas, portas e janelas, cangas e arados, e também estruturas para a construção de casas. A primeira vez que o seu nome aparece nos Evangelhos, chamam-no «justo», o que quer dizer homem de princípios, compassivo e obediente a Deus.

José era um homem com uma fé ro-

busta. Pouco depois de desposar Maria, Deus enviou-lhe quatro importantes mensagens, através de um anjo. Na primeira, é-lhe pedido que receba a Maria como esposa, apesar de ela estar grávida de um desconhecido. Como nos teríamos sentido se estivéssemos no lugar de José? Teríamos tido fé para obedecer à mensagem divina e receber Maria como esposa, só porque Deus no-lo pedia?

Na segunda comunicação Deus disse-lhe que fugisse imediatamente para o Egipto com sua mulher e o bebé, para salvar a vida ao futuro Redentor. Quando o perigo passa, Deus pede a José que regresses à Palestina, e a seguir dirige-o a Nazaré, onde o menino poderá crescer em paz. Em todas estas ocasiões José revela a sua confiança em Deus, obedecendo às Suas ordens.

José era também um trabalhador respeitado. O seu ofício permitia-lhe ganhar o sustento da sua família. Durante a infância e juventude de Jesus, é José quem Lhe ensina o ofício de carpinteiro e construtor. Jesus chega a identificar-Se tanto com este ofício

que quando regressa a Nazaré, depois de iniciar o Seu ministério, o povo da região reconhece-O como «o carpinteiro» (Marc. 6:3).

A influência de José acompanha a Jesus durante o resto da Sua vida e, ao comunicar os Seus ensinamentos, o Mestre alude com frequência a aspectos do Seu ofício. Isso acontece quando Se refere ao cisco ou argueiro no olho alheio (Mat. 7:3-5), quando conta a história do homem insensato que decide edificar a sua casa sobre a areia, ou quando aconselha a calcular bem o custo de uma construção antes de a empreender (cf. Luc. 14:28). E ao chegar o momento do sacrifício supremo, o Carpinteiro Divino leva sobre os ombros as vigas do instrumento de tortura sobre as quais irão crucificá-lo...

O significativo nome de José — «que o Senhor acrescenta» — sugere-nos a oração que, como pais cristãos, podemos elevar hoje a Deus: Senhor, acrescenta à minha vida as qualidades essenciais do pai ideal: fé, valentia, esforço e amor.

As crianças aprendem com o exemplo

Se uma criança vive num ambiente de críticas, aprende a condenar os outros.

Se vive num ambiente hostil, aprende a brigar com todos.

Se vive sob a pressão do ridículo, aprende a ser tímido e indeciso.

Se vive submetido à vergonha, aprende a sentir-se culpado.

Se vive numa atmosfera de paciência, aprende a ser tolerante.

Se vive onde o animam a aventurar-se, aprende a ter confiança em si mesmo.

Se vive escutando palavras de estímulo, aprende a expressar apreço.

Se vive onde o tratam com justiça, aprende a ser justo.

Se vive onde se sente seguro e protegido, aprende a ter fé.

Se vive entre pessoas que o tratam com carinho, aprende a partilhar o seu amor com o mundo.

Dorothy Law Nolte
(Versão de H. M. Rasi)

sta. Pouco depois de desposar Maria, Deus enviou-lhe quatro importantes mensagens, através de um anjo. A primeira, é-lhe pedido que receba Maria como esposa, apesar de estar grávida de um desconhecido. Como nos teríamos sentido se estéssemos no lugar de José? Teríamos tido fé para obedecer à mensagem divina e receber Maria como esposa, só porque Deus no-lo pedia? Na segunda comunicação Deus disse-lhe que fugisse imediatamente para o Egito com sua mulher e o bebê, para salvar a vida ao futuro Renator. Quando o perigo passa, Deus de a José que regresse à Palestina, e a seguir dirige-o a Nazaré, de onde o menino poderá crescer em paz. Em todas estas ocasiões José revela a sua confiança em Deus, obedecendo às Suas ordens.

José era também um trabalhador honesto. O seu ofício permitia-lhe ganhar o sustento da sua família. Durante a infância e juventude de Jesus, José quem Lhe ensina o ofício de carpinteiro e construtor. Jesus chega a santificar-Se tanto com este ofício

que quando regressa a Nazaré, depois de iniciar o Seu ministério, o povo da região reconhece-O como «o carpinteiro» (Marc. 6:3).

A influência de José acompanha a Jesus durante o resto da Sua vida e, ao comunicar os Seus ensinamentos, o Mestre alude com frequência a aspectos do Seu ofício. Isso acontece quando Se refere ao cisco ou argueiro no olho alheio (Mat. 7:3-5), quando conta a história do homem insensato que decide edificar a sua casa sobre a areia, ou quando aconselha a calcular bem o custo de uma construção antes de a empreender (cf. Luc. 14:28). E ao chegar o momento do sacrifício supremo, o Carpinteiro Divino leva sobre os ombros as vigas do instrumento de tortura sobre as quais irão crucificar-l'O...

O significativo nome de José — «que o Senhor acrescenta» — sugere-nos a oração que, como pais cristãos, podemos elevar hoje a Deus: Senhor, acrescenta à minha vida as qualidades essenciais do pai ideal: fé, valentia, esforço e amor.

As crianças aprendem com o exemplo

- Se uma criança vive num ambiente de críticas, aprende a condenar os outros.
- Se vive num ambiente hostil, aprende a brigar com todos.
- Se vive sob a pressão do ridículo, aprende a ser tímido e indeciso.
- Se vive submetido à vergonha, aprende a sentir-se culpado.
- Se vive numa atmosfera de paciência, aprende a ser tolerante.
- Se vive onde o animam a aventurar-se, aprende a ter confiança em si mesmo.
- Se vive escutando palavras de estímulo, aprende a expressar apreço.
- Se vive onde o tratam com justiça, aprende a ser justo.
- Se vive onde se sente seguro e protegido, aprende a ter fé.
- Se vive entre pessoas que o tratam com carinho, aprende a partilhar o seu amor com o mundo.

Dorothy Law Nolte
(Versão de H. M. Rasi)

«Uma questão de qualidade»

Há tendência para considerarmos os aspectos quantitativos da educação (o número de alunos inscritos, um elevado número de alternativas e opções nos vários cursos, um elevado índice de aprovações ou reprovações, etc.) em vez dos aspectos qualitativos.

Em termos políticos, a quantidade anda sempre à frente da qualidade, ou dá-se-lhe pouca atenção.

Diz-se que uma educação é de qualidade quando é boa e perfeita.

Claro que é uma utopia pensarmos desta maneira — atingir a perfeição. Em termos filosóficos, a perfeição significa «acabado» e não existe mais nada para além da perfeição. Aqui, uma educação perfeita será aquela que se vai desenvolvendo ao longo da vida de um ser humano e será de qualidade quando aperfeiçoa todos os factores da pessoa humana e todos os aspectos da existência do homem.

Assim, esta educação de qualidade passa por ser um processo completo, na medida em que abrange tanto os factores internos, que constituem a personalidade de cada um, como as manifestações externas da sua vida, tendo em conta o mundo em que vive e, por conseguinte, a sociedade que o rodeia e envolve.

Passaremos a especificar alguns indicadores, para apreciar e, se possível, aferir a qualidade da educação, uma educação perfeita, boa, completa, total.

Em primeiro lugar, uma educação de qualidade é aquela que se ocupa em estimular

e orientar adequadamente as aprendizagens específicas ou não específicas.

É evidente que os nossos alunos têm que ser estimulados para a aquisição de conhecimento e hábitos que vão fazer deles cidadãos do mundo, a fim de participarem nos bens da cultura deste mesmo mundo em que vivem, e que, ao mesmo tempo, lhes vão proporcionar uma capacidade técnica para participar de um modo activo na vida social.

Temos de ter cuidado com esse conhecimento que os tornará cidadãos do mundo. Qual a fonte desse conhecimento? Ellen White, no seu livro, *Educação*, à pág. 16, diz: «Desde que Deus é a fonte de todo o verdadeiro conhecimento, é, (...) o principal objectivo da educação dirigir a mente à revelação que Ele faz de si próprio».

Logo, uma educação de qualidade é aquela que coloca Deus como o autor de todo o conhecimento. E nós, como educadores, temos que adquirir esse conhecimento, o qual só será possível com uma comunhão directa e íntima com Deus. Se assim for, os nossos estímulos serão elevados e estaremos a realizar o ideal de Deus. Assim, os nossos alunos serão cidadãos do mundo, mas acima de tudo, serão cidadãos do universo.

Há uma esperança para a raça humana de que o conhecimento de Deus seja restaurado, e Jesus veio restaurar esse conhecimento. No entanto, Jesus viveu na dependência de Deus e em comunhão com Ele. A vida de Jesus foi de constante confiança, manti-

da por uma comunhão contínua, recebendo vida de Deus, comunicando-a aos outros.

Assim, pensamos que todos nós, como educadores que somos, se quisermos participar nesta educação de qualidade, temos que manter uma íntima comunhão com Deus e beber d'Ele todo o conhecimento, para depois sermos canais capazes de estimular e orientar adequadamente os nossos alunos e filhos num caminho puro e nobre em todos os sentidos da vida, quer prática quer íntima.

Diz-nos Ellen White, no seu livro *Educação*, à pág. 14, o seguinte: «A verdadeira educação mais elevada é transmitida por Aquele com quem estão a sabedoria e a força (Job 12:13) e de cuja boca vem o conhecimento e o entendimento (Prov. 2:6). Todo o saber e desenvolvimento real têm sua fonte no conhecimento de Deus. Para onde quer que nos volvamos, seja para o mundo físico, intelectual ou espiritual; (...) Qualquer que seja o ramo de investigação a que procedamos com um sincero propósito de chegar à verdade, somos postos em contacto com a inteligência invisível e poderosa que opera em tudo e através de tudo. A mente humana é colocada em comunhão com a mente divina, o finito com o infinito. O efeito de tal comunhão sobre o corpo, o espírito e a alma, está além de toda a estimativa.»

Depois deste grande indicador para uma verdadeira educação de qualidade, os outros indicadores virão com toda a naturalidade, na medida em que todos eles terão uma cer-

ta relação com o indicador — base: o conhecimento de Deus.

Assim sendo, a educação de qualidade é a que se preocupa com o desenvolvimento de todas as capacidades de um aluno. A capacidade de usar as coisas e modificá-las com o seu trabalho. A capacidade ética para actuar de acordo com as exigências da dignidade humana.

Educação de qualidade é a que se preocupa por tornar possível a comunicação do sujeito com o mundo que o rodeia, fazendo-o capaz de se expressar e de compreender. A educação é de qualidade quando oferece ao sujeito a possibilidade de ajudar um homem, uma criança, um jovem ou adulto, a viver eficaz e alegremente a vida de família, a vida de trabalho, a vida de amizade e a vida de fé.

Alguém disse que uma educação só é de qualidade quando todas as actividades que se programam e realizam na escola têm uma dupla ligação: por um lado, estão relacionadas com a experiência ou conhecimento já adquiridos pelo educando; por outro, relacionam-se com as finalidades e objectivos da educação.

Se falta alguma destas ligações, assim como estes indicadores de uma verdadeira educação de qualidade, especialmente o primeiro, a educação não é mais do que uma aparência.

(a continuar)

Victor Alves é Departamental de Educação e professor de História no Colégio Adventista de Oliveira do Douro.

Victor Alves

Ampliação do Colégio Adventista de Oliveira do Douro

Desde o seu início em 1974, o Colégio Adventista de Oliveira do Douro (CAOD) tem vindo a conhecer um desenvolvimento significativo. Para isso contribuiu a expansão demográfica local, assim como um reconhecimento da seriedade do ensino ministrado no nosso Colégio.

Para melhor corresponder às solicitações expressas pela população, temos um novo projecto — A ESCOLA INFANTIL/PRIMÁRIA — que se denominará «*O Nosso Amiguinho*»

Esta unidade tem três grandes objectivos: satisfazer, selectivamente, a área educacional Infantil e Pri-

mária, promover o desenvolvimento e oferta de novos serviços, nomeadamente o reinício das actividades do sector secundário, que por razões diversas tivemos de suspender, e contribuir para o aumento da rentabilidade do colégio através do incremento de novos alunos.

Hoje as solicitações são cada vez maiores em função dos problemas com que os pais se debatem. Temos de dispor de meios e capacidades de resposta aos desafios que nos são propostos. Neste sentido, esta unidade, que dispõe de várias componentes, permitir-nos-á responder de forma cabal às necessidades actuais.

Dentro destas referências, cabe a esta unidade implementar, desenvolver e operar o conjunto de serviços dentro do segmento que nos é atribuído. Para isso, terá 6 salas de aula, sanitários, uma recepção, uma sala de professores e um amplo espaço para recreio, devidamente equipado. A criação desta unidade irá trazer melhorias significativas para os utentes.

É convicção de todos os que aqui trabalham que temos de aumentar as nossas instalações escolares, mas que só será possível concretizá-lo com o envolvimento de todos.

Este projecto já conta com o apoio moral e económico da Divisão, da União, assim como de algumas empresas e particulares da Região Norte. Contudo, os elevados encargos financeiros deste empreendimento obrigam-nos a solicitar a cooperação monetária de todos os que estão conscientes da importância da Obra Educacional Adventista.

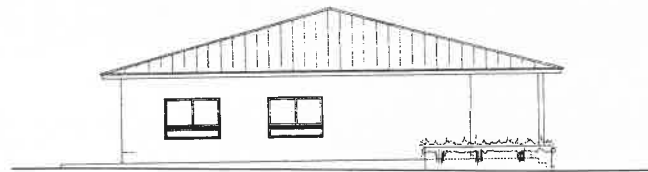
Urge aproveitar o tempo que ainda nos é concedido para realizar a obra para a qual o Senhor nos chamou. A semelhança do que aconteceu com a edificação do santuário no deserto, nos tempos de Moisés (Êxodo 25:2), o Senhor apela a todos os Seus fiéis mordomos para que cooperem neste empreendimento.

«Dai o que puderdes agora, e ao cooperardes com Cristo, a vossa mão se abrirá para conceder ainda mais. E Deus vos tornará a encher a mão, para que o tesouro da verdade possa ser levado a muitas almas. Ele vos dará, para que possais dar aos outros.» — *Mordomia e Prosperidade*, p. 50. A vossa participação poderá ser feita através da União ou directamente ao Colégio.

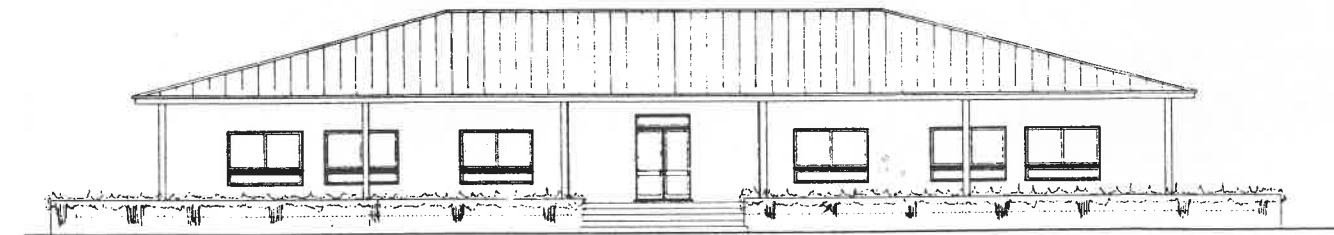
«Honra ao Senhor com os teus bens... assim se encherão de fartura os teus celeiros» (Provérbios 3:10-11).

A. Maurício

Administrador do CAOD



ALÇADO LATERAL ESQUERDO



ALÇADO PRINCIPAL

Internato Adventista, Refúgio para os nossos Jovens

A experiência do Internato de Oliveira do Douro testemunha esta verdade.

O nosso mundo bem se poderia comparar a um barco que se está a afundar. A decadência moral e espiritual faz-se sentir por todo o lado. São os programas na TV, as publicações, os novos hábitos e costumes, todos portadores desta nova corrente de violência, libertinagem sexual e drogas, atentando contra tudo o que é digno. A segurança dos nossos jovens passou a estar em jogo. Aliamento de jovens para o consumo de drogas, violações e assaltos são uma constante.

Neste contexto tão triste existe uma alternativa que poderá ser dourada: O internato Adventista!

Esta ideia foi testada há mais de um século e resistiu vitoriosamente, ao contrário de tantos internatos não adventistas que têm vindo a fechar as suas portas, porque na sua filosofia oferece, além do referido refúgio, as seguintes vantagens:

1. Sociabilidade: No internato formam-se verdadei-

ras amizades. Lá podes encontrar jovens de ambos os sexos, vindos de lugares muito diferentes, que poderás conhecer realmente bem unicamente vivendo com eles no internato. Ficas com amigos no país inteiro e até no estrangeiro.

2. Vida escolar: Lá estarás perto de professores adventistas, que te poderão ajudar muito na tua fé, na tua formação e nas tuas decisões futuras.

3. Vida saudável: A melhor maneira de prevenir doenças é cultivar um estilo de vida saudável. No internato é dada ênfase a um estilo de vida que Deus disse ser o melhor. Será bom para ti também!

4. Autodisciplina: No internato comesas a desfrutar de um pouco mais de independência. Com essa grande possibilidade de desenvolver responsabilidade e autodisciplina, que serão decisivos para o êxito que poderás vir a ter na vida.



5. Programação: No internato há geralmente programas. Excursões, (recepção), programa criativos, não faltam a dades...

6. Desenvolvimento: No internato, quer trabalho manual (nestes começamos a ensinar a ra, bordados, cuidado com os bés, marcenaria, entre outros), quer pelo desportas sempre oportunidade te desenvolveres fisicamente...

7. DEUS: E finalmente mais importante... Em um ambiente hostil e ch tentação, no internato rás encontrar Deus de maneira mais profunda.

Colégio de Oliveira do Douro:

O Natal e a amizade obrigatoriamente de dadas. Foi com esta re de em mente que o Col lançou o projecto «Amigo». Nesta campanha laboraram alunos, professores e empregados do Col bem como entidades públicas e privadas.

Cada uma das três campanhas, nomeadamente a distribuição de um folheto formativo, a recolha de bens e a sua entrega, teve o seu êxito. No entanto, creio que dos quantos participaram sobretudo marcou a recolha e distribuição de bens. O entusiasmo demonstrado, ao receber os dons era bem notório. E, ao apercebermos da grande quantidade de bens re-

Colégio Adventista de Oliveira do Douro

Desenvol- e novos mente o lades do que por mos de buir pa- tabilida- és do in- alunos. ções são n função a que os mos de apacida- desafios os. Nes- ade, que mponen- respon- às neces-

Dentro destas referên- cias, cabe a esta unidade implementar, desenvolver e operar o conjunto de servi- ços dentro do segmento que nos é atribuído. Para isso, terá 6 salas de aula, sanitá- rios, uma recepção, uma sala de professores e um amplo espaço para recreio, devidamente equipado. A criação desta unidade irá trazer melhorias significati- vas para os utentes.

É convicção de todos os que aqui trabalham que temos de aumentar as nossas instalações escolares, mas que só será possível concre- tizá-lo com o envolvimento de todos.

Este projecto já conta com o apoio moral e econó- mico da Divisão, da União, assim como de algumas em- presas e particulares da Re- gião Norte. Contudo, os elevados encargos financeiros deste empreendimento obrigam-nos a solicitar a cooperação monetária de todos os que estão conscien- tes da importância da Obra Educacional Adventista.

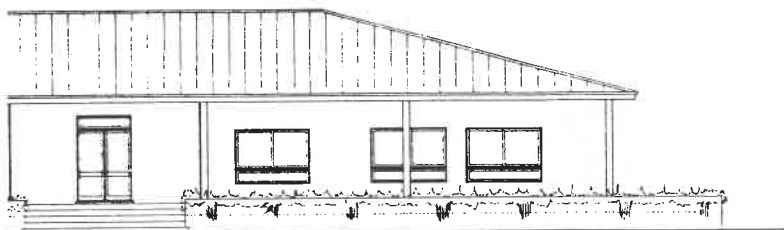
Urge aproveitar o tempo que ainda nos é concedido para realizar a obra para a qual o Senhor nos chamou. À semelhança do que aconte- ceu com a edificação do santuário no deserto, nos tempos de Moisés (Êxodo 25:2), o Senhor apela a todos os Seus fiéis mordomos para que cooperem neste empreendimento.

«Dai o que puderdes agora, e ao cooperardes com Cristo, a vossa mão se abri- rá para conceder ainda mais. E Deus vos tornará a encher a mão, para que o tesouro da verdade possa ser levado a muitas almas. Ele vos dará, para que possa dar aos outros.» — *Mordomia e Prosperidade*, p. 50. A vossa participação poderá ser feita através da União ou directamente ao Colégio.

«Honra ao Senhor com os teus bens... assim se enche- rão de fartura os teus celei- ros» (Provérbios 3:10-11).

A. Maurício

Administrador do CAOD



Internato Adventista, Refúgio para os nossos Jovens

A experiência do Internato de Oliveira do Douro testemunha esta verdade.

O nosso mundo bem se poderia comparar a um barco que se está a afundar. A decadência moral e espiritual faz-se sentir por todo o lado. São os programas na TV, as publicações, os novos hábitos e costumes, todos portadores desta nova corrente de violência, libertinagem sexual e drogas, atentando contra tudo o que é digno. A segurança dos nossos jovens passou a estar em jogo. Aliamento de jovens para o consumo de drogas, violações e assaltos são uma constante.

Neste contexto tão triste existe uma alternativa que poderá ser dourada: O internato Adventista!

Esta ideia foi testada há mais de um século e resistiu vitoriosamente, ao contrário de tantos internatos não adventistas que têm vindo a fechar as suas portas, porque na sua filosofia oferece, além do referido refúgio, as seguintes vantagens:

1. Sociabilidade: No internato formam-se verdadei-

ras amizades. Lá podes encontrar jovens de ambos os sexos, vindos de lugares muito diferentes, que poderás conhecer realmente bem unicamente vivendo com eles no internato. Ficas com amigos no país inteiro e até no estrangeiro.

2. Vida escolar: Lá estarás perto de professores adventistas, que te poderão ajudar muito na tua fé, na tua formação e nas tuas decisões futuras.

3. Vida saudável: A melhor maneira de prevenir doenças é cultivar um estilo de vida saudável. No internato é dada ênfase a um estilo de vida que Deus disse ser o melhor. Será bom para ti também!

4. Autodisciplina: No internato comesas a desfrutar de um pouco mais de independência. Com essa independência tens uma grande possibilidade de desenvolver responsabilidade e autodisciplina, que serão decisivos para o êxito que poderás vir a ter na vida.



5. Programação: No internato há geralmente bons programas. Excursões, festas (recepção), programas recreativos, não faltam actividades...

6. Desenvolvimento físico: No internato, quer pelo trabalho manual (neste ano começamos a ensinar costura, bordados, cuidado de bebés, marcenaria, entre outros), quer pelo desporto, terás sempre oportunidade de te desenvolveres fisicamente...

7. DEUS: E finalmente o mais importante... Em vez de um ambiente hostil e cheio de tentação, no internato poderás encontrar Deus de uma maneira mais profunda... Te-

rás breves cultos diários e no sábado momentos preciosos de reflexão com mensagens destinadas especialmente a jovens como tu... Não esquecendo a Semana de Oração que é em si uma autêntica festa espiritual.

«Os moços e as moças devem colocar-se em nossas escolas onde é possível obter conhecimento e disciplina: Devem consagrar a Deus suas aptidões, tornar-se diligentes estudantes da Bíblia, a fim de se fortalecerem contra doutrinas erróneas.» — WHITE; E. G. *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 216.

Daniel Bastos

Preceptor de Juventude do CAOD

Colégio de Oliveira do Douro: Natal Amigo

O Natal e a amizade andam obrigatoriamente de mãos dadas. Foi com esta realidade em mente que o CAOD lançou o projecto «Natal Amigo». Nesta campanha colaboraram alunos, professores e empregados do CAOD, bem como entidades oficiais e privadas.

Cada uma das três fases da campanha, nomeadamente, a distribuição de um folheto informativo, a recolha de bens e a sua entrega, teve o seu valor. No entanto, creio que todos quantos participaram foram sobretudo marcados pela recolha e distribuição de bens. O entusiasmo de cada um, ao receber os donativos, era bem notório. E, ao nos apercebermos da grande quantidade de bens recolhi-

dos, não houve dúvidas de que, afinal, a solidariedade permanece bem viva entre nós. Só com esse espírito foi possível auxiliar, no dia 20 de Dezembro de 1992, 49 famílias e proporcionar-lhes um Natal mais feliz. Os alunos do CAOD puderam ver com os seus próprios olhos que a vida nem sempre é cor-de-rosa para todos e que, bem perto das suas casas confortáveis, existem pessoas vivendo em condições degradantes. Além disso, tiveram a oportunidade de dirigir algumas palavras de conforto e encorajamento a pessoas que estavam vivendo situações lamentáveis.

Toda a campanha exigiu muito trabalho e esforço, so-



bretudo por parte da comissão coordenadora. Apesar disso, todos quantos colaboraram foram unânimes em afirmar que este projecto fez despontar ideias tão ou mais

ambiciosas para o próximo Natal.

Olga Mota

Professora do Colégio Adventista de Oliveira do Douro

Escola de Lisboa: Um ano cheio de Actividades

Quando os prezados leitores lerem estas linhas, o ano lectivo deve estar no seu termo. Não queria, no entanto, perder esta oportunidade para vos dar notícias sobre a nossa escola.

Graças a Deus foi um ano

muito positivo, em todos os aspectos, pedagogicamente e espiritualmente.

Estiveram à nossa responsabilidade cerca de 130 crianças que durante dez meses conviveram diariamente conosco. Fortaleceram-se laços

de amizade, construíram-se castelos, procurou-se conhecer mais de Jesus.

Rico e variado tem sido o nosso plano de actividades. No 1.º período, teve lugar, na sala do aluno, um seminário sob o tema «Família», organizado pelo departamento de Religião e Moral e tendo como convidados a Dr.ª Cristina Silva e o Dr. Samuel Ribeiro, os quais prenderam a atenção dos catorze Pais e Encarregados de Educação ali presentes, da primeira à última sessão. No final, todos declararam ter sido do máximo de interesse e manifestaram o desejo de assistir a outros seminários sobre «Stress», Nutrição, e outros temas que teremos todo o gosto em realizar assim que houver oportunidade.

Certamente que um dos pontos mais altos das nossas actividades é a festa de Natal, que este ano se revestiu de grande beleza e originalidade. Teve como tema «Jesus é a Porta» e baseou-se nas várias parábolas de Jesus, transportadas para os tempos modernos. O esforço realizado por professores, responsáveis e alunos foi no fim compensado pela gratidão e pelo prazer de quem viu e ouviu.

No dia 19 de Fevereiro, último dia de aulas antes das fé-

rias do Carnaval, celebrou-se o Dia do Chapéu. Professores e alunos puderam mostrar a sua imaginação e criar os mais variados modelos de chapéus. E alguns deles ultrapassaram todas as expectativas... Lindos, coloridos, originais e até eléctricos!...

O departamento de Religião e Moral, a cargo do pastor Amorim e sua esposa, Paula Amorim, cuja colaboração positiva e entusiasta é bom realçar, organizou uma visita do 9.º ano ao Colégio de Oliveira do Douro. Os nossos jovens regressaram felizes, cheios de alegria cristã e do prazer da sã camaradagem... Ainda sob orientação dos professores de Religião e Moral, viveu-se a Semana de Oração. Jesus bateu desse modo à porta do coração dos nossos jovens e das nossas crianças. E como dizia uma criança do segundo ano de escolaridade, «Eu não queria que acabasse a Semana de Oração. É tão bom! São tantas histórias, tão bonitas, sobre Jesus!...» Que a semente lançada deste modo nos jovens coraçõezinhos que nos são confiados possa dar fruto para vida espiritual!

Ao finalizar o mês de Abril e a iniciar da melhor maneira o 3.º período, celebrou-se o dia da Civilização Francesa. Organizado pela profes-



sora de francês, Dr.ª Iabel Moreira Martins, foi um mundo de actividades: culinária, passagem de modelos, música francesa, gincanas, vídeo filmes, enfim, muito empenho e entusiasmo.

O departamento de Ciências de Natureza e Biologia, a cargo, da Dr.ª Eunice Dias, organizou para o mês de Maio uma Excursão às Grutas de Mira D'Aire, e durante a semana de 24 a 28 um seminário de Saúde para toda a comunidade, que teve a colaboração dos doutores Emanuel Esteves, Manuel Teixeira e Edite Esteves, o que deu uma grande vivacidade à escola.

De 3 a 6 de Junho, o departamento de Desporto, a cargo do Prof. Carlos Dias organizou um acampamento em Atalaia do Campo, com os 9.ºs anos da escola de Lisboa e Oliveira do Douro. Talvez o acontecimento mais desejado por todos os alunos, pois é sempre uma experiência enriquecedora para quem nela participa e os corações vêm cheios de ternas e eternas recordações.

Para Junho ainda, várias outras actividades organizadas pelo departamento de Línguas, a cargo da Dr.ª Isabel Vicente e Prof. Horácio Caprichoso: visita ao Museu da Cidade e ao Jornal *O Público*, Museu da Água, idas à praia e ao Onda Parque, Escola Aberta, Exposições de trabalhos feitos pelos alunos, com a colaboração da Prof. Odete Cachão.

Por fim, um almoço de despedida do 9.º ano. Para muitos deles, foram 9 anos de convívio, de aprendizagem, de contacto. Para outros, dois ou três anos, alguns meses apenas. Para todos eles, uma oferta preciosa — uma Bíblia, com a dedicatória assinada por todos os professores e a oração dos nossos corações de que Deus os guarde agora que nos vão deixar e que um dia possamos ter a alegria de nos encontrarmos com eles no reino celestial.

Carlos Dias

Director do Colégio Adventista de Lisboa

Escola Adventista de Coimbra

No passado ano lectivo, a Escola de Coimbra foi posta perante um grande desafio: continuar a viver apenas das suas receitas e da ajuda da igreja local, tarefa difícil, devido ao baixo número de alunos.

Para os membros da igreja de Coimbra a ideia de fechar a sua Escola era impen-

sável, já que era como que o desmoronar de um projecto que tinha sido construído com muito amor e dedicação. Só que mantê-la aberta era quase impensável, uma vez que os orçamentos previstos apontavam para um prejuízo praticamente incomportável.

O que fazer? Foi a pergunta de todos nós. E depois de



muita oração, pedindo a Deus que nos mostrasse qual a Sua vontade e que cumprisse em nós as Suas promessas, a igreja tomou a decisão de, pela fé, continuar a evangelizar esta cidade através da obra de educação, mantendo a sua Escola aberta. A verdade é que depois de termos «buscado primeiro o reino de Deus» tudo o mais nos tem sido acrescentado.

Temos feito a nossa parte, começando pela montagem de uma cozinha que, através dos bons cozinhados da irmã que tem colaborado conosco, tem cativado o paladar de mais de metade das nossas crianças. E aquilo que humanamente pensávamos ser impossível tornou-se realidade. Sem dúvida: «Com Deus faremos proezas!»

Escola Primária do Funchal

A nossa escola começou bem o ano escolar, com cerca de 70 crianças matriculadas e três professores a tempo inteiro. Como é óbvio, durante o ano escolar, tem

As no
muitas,
a partic
activida
porcion
possam
tos aspe
Para ta
cessitar
dos nos
bra, ma
mília es
lo país.
Um r
aqueles
ço e de
possíve
escola.
mos qu
uma ja

F
Escola

de amizade, construíram-se castelos, procurou-se conhecer mais de Jesus.

Rico e variado tem sido o nosso plano de actividades. No 1.º período, teve lugar, na sala do aluno, um seminário sob o tema «Família», organizado pelo departamento de Religião e Moral e tendo como convidados a Dr.ª Cristina Silva e o Dr. Samuel Ribeiro, os quais prenderam a atenção dos quinze Pais e Encarregados de Educação ali presentes, da primeira à última sessão. No final, todos declararam ter sido do máximo de interesse e manifestaram o desejo de assistir a outros seminários sobre «Stress», Nutrição, e outros temas que teremos todo o gosto em realizar assim que houver oportunidade.

Certamente que um dos pontos mais altos das nossas actividades é a festa de Natal, que este ano se revestiu de grande beleza e originalidade. Teve como tema «Jesus é a Porta» e baseou-se nas várias parábolas de Jesus, transportadas para os tempos modernos. O esforço realizado por professores, responsáveis e alunos foi no fim compensado pela gratidão e pelo prazer de quem viu e ouviu.

No dia 19 de Fevereiro, último dia de aulas antes das fé-

rias do Carnaval, celebrou-se o Dia do Chapéu. Professoras e alunos puderam mostrar a sua imaginação e criar os mais variados modelos de chapéus. E alguns deles ultrapassaram todas as expectativas... Lindos, coloridos, originais e até eléctricos!...

O departamento de Religião e Moral, a cargo do pastor Amorim e sua esposa, Paula Amorim, cuja colaboração positiva e entusiasta é bom realçar, organizou uma visita do 9.º ano ao Colégio de Oliveira do Douro. Os nossos jovens regressaram felizes, cheios de alegria cristã e do prazer da sã camaradagem... Ainda sob orientação dos professores de Religião e Moral, viveu-se a Semana de Oração. Jesus bateu desse modo à porta do coração dos nossos jovens e das nossas crianças. E como dizia uma criança do segundo ano de escolaridade, «Eu não queria que acabasse a Semana de Oração. É tão bom! São tantas histórias, tão bonitas, sobre Jesus!...» Que a semente lançada deste modo nos jovens corações possa dar fruto para vida espiritual!

Ao finalizar o mês de Abril e a iniciar da melhor maneira o 3.º período, celebrou-se o dia da Civilização Francesa. Organizado pela profes-

sora de francês, Dr.ª Iabel Moreira Martins, foi um mundo de actividades: culinária, passagem de modelos, música francesa, gincanas, vídeo filmes, enfim, muito empenho e entusiasmo.

O departamento de Ciências de Natureza e Biologia, a cargo, da Dr.ª Eunice Dias, organizou para o mês de Maio uma Excursão às Grutas de Mira D'Aire, e durante a semana de 24 a 28 um seminário de Saúde para toda a comunidade, que teve a colaboração dos doutores Emanuel Esteves, Manuel Teixeira e Edite Esteves, o que deu uma grande vivacidade à escola.

De 3 a 6 de Junho, o departamento de Desporto, a cargo do Prof. Carlos Dias organizou um acampamento em Atalaia do Campo, com os 9.ºs anos da escola de Lisboa e Oliveira do Douro. Talvez o acontecimento mais desejado por todos os alunos, pois é sempre uma experiência enriquecedora para quem nela participa e os corações vêm cheios de ternas e eternas recordações.

Para Junho ainda, várias outras actividades organizadas pelo departamento de Línguas, a cargo da Dr.ª Isabel Vicente e Prof. Horácio Caprichoso: visita ao Museu da Cidade e ao Jornal *O Público*, Museu da Água, idas à praia e ao On-da Parque, Escola Aberta, Exposições de trabalhos feitos pelos alunos, com a colaboração da Prof. Odete Cachão.

Por fim, um almoço de despedida do 9.º ano. Para muitos deles, foram 9 anos de convívio, de aprendizagem, de contacto. Para outros, dois ou três anos, alguns meses apenas. Para todos eles, uma oferta preciosa — uma Bíblia, com a dedicatória assinada por todos os professores e a oração dos nossos corações de que Deus os guarde agora que nos vão deixar e que um dia possamos ter a alegria de nos encontrarmos com eles no reino celestial.

Carlos Dias

Director do Colégio Adventista de Lisboa

Escola Adventista de Coimbra

No passado ano lectivo, a Escola de Coimbra foi posta perante um grande desafio: continuar a viver apenas das suas receitas e da ajuda da igreja local, tarefa difícil, devido ao baixo número de alunos.

Para os membros da igreja de Coimbra a ideia de fechar a sua Escola era impen-

sável, já que era como que o desmoronar de um projecto que tinha sido construído com muito amor e dedicação. Só que mantê-la aberta era quase impensável, uma vez que os orçamentos previstos apontavam para um prejuízo praticamente incomportável.

O que fazer? Foi a pergunta de todos nós. E depois de



muita oração, pedindo a Deus que nos mostrasse qual a Sua vontade e que cumprisse em nós as Suas promessas, a igreja tomou a decisão de, pela fé, continuar a evangelizar esta cidade através da obra de educação, mantendo a sua Escola aberta. A verdade é que depois de termos «buscado primeiro o reino de Deus» tudo o mais nos tem sido acrescentado.

Temos feito a nossa parte, começando pela montagem de uma cozinha que, através dos bons cozinhados da irmã que tem colaborado connosco, tem cativado o paladar de mais de metade das nossas crianças. E aquilo que humanamente pensávamos ser impossível tornou-se realidade. Sem dúvida: «Com Deus faremos proezas!»

Helena Graça

Professora e directora da Escola Adventista de Coimbra

Escola Primária do Funchal

A nossa escola começou bem o ano escolar, com cerca de 70 crianças matriculadas e três professores a tempo inteiro. Como é óbvio, durante o ano escolar, tem

havido algumas transferências da nossa escola para outras. Mas mal alguém sai, logo outro aluno aparece para tomar o seu lugar. Sendo assim, a escola continua a man-



ter-se financeiramente auto-suficiente.

O mais importante da nossa escola acontece cada manhã, quando as professoras estudam a Bíblia com os seus alunos e fazem oração. As aulas terminam também cada dia com uma oração, frequentemente de um aluno, havendo sempre muitos voluntários para o fazer.

Para além do programa normal, os alunos podem optar por aprender inglês e música, como disciplinas extra-curriculares. Muitos dos alunos que têm passado pela nossa escola e que têm estudado inglês obtêm óptimos resultados no Ciclo Preparatório:

A Festa de Natal realizou-se no Domingo, 13 de Dezembro, pelas 16h00, e agradou bastante tanto a pais como a alunos. O salão da igreja estava repleto de pais de alunos.

Os alunos têm feito várias visitas de estudo:

Em Janeiro, os alunos da 3.ª e da 4.ª Classe foram visitar as instalações do *Diário de Notícias*, onde lhes foi mostrado como se produz um jornal diário.

Em Março, a 1.ª Classe foi visitar o Aquário e o museu municipal. O museu tem sobretudo aves e peixes embalados.

Um dos últimos programas levados a efeito pela escola e pela igreja foi o *Seminário sobre a Família*, realizado pelo casal Eunice e Joaquim Dias. Vários casais, pais de alunos, assistiram ao programa, que foi igualmente apreciado por eles e por todos quantos assistiram.

Outros programas que se realizam são as Reuniões de Pais e Professores. Também, uma vez por mês, as professoras assistem a um programa de Animação Pedagógica.

Outras actividades estão pela frente, como a Escola Cristã de Férias e a Ocupação de Tempos Livres. Mas sem dúvida que o que está no momento a causar mais interesse é o passeio de fim de ano, marcado para o dia 9 de Junho.

Finalmente virão as fichas de final de ano e as tão merecidas férias de Verão para alunos e professoras.

Que Deus possa continuar a abençoar a nossa escola, seus alunos, pais, professoras e demais pessoal não-docente. E que, como resultado de todo este esforço, almas se possam encontrar um dia no Reino de Deus.

Carlos Nobre Cordeiro
Administrador da Escola Adventista do Funchal

Na parte da Primária, tudo se mantém quase inalterável: Autorização Definitiva do Ministério de Educação, paralelismo pedagógico, contratos simples, duas professoras, uma auxiliar e bastantes alunos.

Na parte do Jardim Infantil, estamos constituídos numa I.P.S.S. do Centro Regional de Segurança Social, recebendo subsídio mensal, temos uma educadora e duas auxiliares, e autorização para 30 crianças.

Continuamos no mesmo espaço exíguo para o número de crianças que nos procuram, mas continuamos também a acalantar o nosso sonho de uma escola nova. Como é do conhecimento de quase todos, possuímos um

terreno e um projecto que está a ser apreciado na Câmara. Penso que em breve iremos iniciar a construção. Sem dinheiro mas com muita esperança de que ele vá aparecendo na medida em que for necessário e com muita fé de que Deus vá providenciando tudo. Ele nunca nos abandonou, estamos certos disso, e cremos que irá ajudar-nos agora, mais do que nunca.

Continuamos a orar e a pedir-Lhe que abençoe a nossa escola e todas as escolas que se propõem trabalhar para honra e glória de nosso Senhor no intuito de abreviar a volta de Jesus.

Leonilde Dias
Professora e directora da Escola de Setúbal

Notícias da Escola de Setúbal

Muitas têm sido as notícias transmitidas acerca da nossa escola; no entanto, é sempre bom que elas se-

jam actualizadas à medida que o tempo avança e as coisas vão tomando novos aspectos.

Querida Primavera

Querida Primavera
és de todos e és minha.
Tens folhas, flores e ervas
e cantos das avezinhas!

Se queres, ó Primavera,
ficar bela e formosa,
tens de fazer nascer
orquídeas, malmequeres e rosas.

O nosso Deus é tão bom
Que te fez formosa assim;
alegras a nossa vida
com uma beleza sem fim.

Igor Gonçalves
9 anos (4.º ano)
Escola de Setúbal

Externato Adventista de Santarém

A nossa escola está inserida na comunidade scalabitana desde 1985. Teve, como todas as coisas do seu género, um início bastante simples... mas com o rodar do tempo tudo se alterou. Tínhamos então 7 alunos e hoje temos 60 alunos, repartidos pelas seguintes classes:

Pré-primária = 23
1.ª classe = 11
2.ª classe = 7
3.ª classe = 6
4.ª classe = 13

Para fazer face às responsabilidades docentes e às restantes actividades, contamos com alguns elementos: Edu-

cadora de Infância (1); Docentes do Ensino Básico (2); Auxiliares (3).

Integrando as nossas actividades na Área Escola, estamos a dinamizar algumas visitas a instituições circunvizinhas, nomeadamente lares de 3.ª idade, aonde as nossas crianças do ensino básico vão cantar alguns cânticos e deixar uma flor como recordação da sua passagem. Eis um pouco da nossa maneira de estar na comunidade scalabitana.

M.ª Lurdes Carvalho
Prof.ª Ens. Básico, da Escola de Santarém



A Importância

O temor do Senhor e a sabedoria. Ele foi colocado na posição em que a terra era forte. Nas cortes re via dissipação em toda te; condescendência e satisfação do apetite, in rança e glotonaria cons a ordem de cada dia. poderia participar das p debilitantes e corromp dos cortesãos, ou resist fluência degradante. E feriu esta última linha c duta. Assentou em se ção não se corromper c condescendências peci sas com que era pos contacto, quaisquer qi sem as consequências mesmo se contaminar as iguarias da mesa do com o vinho que ele l

O Senhor Se agrac procedimento adoptac Daniel. Ele era muito e honrado pelo Céu; e da sabedoria deu-lhe co mento da cultura dos c e inteligência de todas sões e sonhos.

Se os estudantes qu quantam os nossos co fossem firmes e mantiv a integridade, se não s ciassem aos que andá sendas do pecado, ne sem seduzidos por su panhia, desfrutariam, Daniel, do favor de D rejeitassem as diversõ teis e a condescendênc o apetite, teriam a mer ra para a busca do co mento. Adquiririam uma força moral que o litaria a permanecer i veis quando assaltad tentação. É uma luta c manter-se sempre aler resistir ao mal; mas c sa alcançar uma vitóri a outra sobre o própri

Tomar a Sua Cruz

«E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de Mim.» Mat. 10:38.

Está aqui o grande teste do Cristianismo vivo e redivivo.

Sim, o Cristianismo não é a fé dos resignados, mas daqueles que, sem pretenderem evitar o fardo dos compromissos, assumem o estatuto de discípulos de Cristo, diferentes, dignos e livres.

No terceiro século da nossa era, Cipriano, bispo de Cartago, escrevia a seu amigo Donato, dizendo: «Este é um mundo mau, Donato; é um mundo inacreditavelmente mau. Mas descobri no meio dele *uma gente tranquila e santa* que aprendeu um grande segredo, encontrou uma alegria mil vezes maior do que a conferida por qualquer dos prazeres da nossa vida pecaminosa. *Essa gente é digna da sua própria alma, e sobrepujou o mundo.* Essa gente, Donato, só são cristãos... e eu sou um deles.»

Por desconfortável que nos pareça, é impossível pôr de parte a interpolação de Jesus, formulada três vezes nos Evangelhos:

«... que *tome sobre si a sua cruz* todo aquele que quiser ser meu discípulo...»

Tomar a sua cruz, levar a sua cruz, carregar a sua cruz.

Os ecos despertados por essas três palavras, não ressoam eles porventura dolorosamente, desagradavelmente, nos nossos ouvidos, na nossa mente, no nosso coração? Não nos parecerão uma demasiada exigência de forma a produzir em nós um forte mal-estar? O desejo de voltar as costas é forte e dá vontade de pensar noutra coisa para

nos lavarmos da impressão que nos ficou!

Será realmente assim? Não, de modo algum. Antes é preciso enfrentá-los, tentar ver claro, e não ficar apenas no que é vago — Jesus nunca foi vago nas Suas declarações — mas antes perguntar:

— O que é que nós ouvimos?

— O que é que Jesus queria dizer verdadeiramente?

Geralmente entende-se que «Levar a sua cruz» é: «suportar as provações com resignação e a fé de Jesus Cristo»; cada um leva a sua cruz, isto é: «cada um tem os seus sofrimentos a suportar».

E quantas vezes se diminuem as descrições do Gólgota, os sofrimentos de Cristo, pela lastimosa descrição das nossas próprias penas. Tantas vezes ouvimos as pessoas falarem do «seu calvário», sem mesmo se perguntarem se não estariam a blasfemar, aplicando a sofrimentos por vezes vulgares, quantas vezes da sua própria culpa, um nome tão sagrado!

A própria cruz de Cristo, onde Ele expiou as culpas de toda a humanidade, não a vemos nós votada a tantos empregos banais, fúteis e profanos?

Na realidade, temos visto tantas cruces, de todas as cores e de tantos metais, por vezes cravejadas de brilhantes, em volta do pescoço de tantas mulheres (senão também de homens!), não servindo nem de longe a causa do Mestre!

Quantas pessoas se julgam, com tanta facilidade, tanta ligeireza, purificadas de todo o pecado pelo san-

gue de Cristo, só porque a *Sua cruz* lhes serve de ornamento!

Esta carga de ignomínia, tanto em voga, foi legada a um pseudocristianismo por muitos comentadores, falseando as expressões de Jesus Cristo. Mas o que queria Jesus realmente dizer na Sua injunção: «Qualquer que não levar a sua cruz não pode ser meu discípulo» (Lucas 14:27)?

Vejamos o texto em Mat. 10:38: «E quem não toma a sua cruz e não segue após mim, não é digno de mim». O contexto deste versículo é muito importante. Faz parte das instruções que Jesus dá aos discípulos antes de os enviar em missão «como ovelhas ao meio de lobos» (Mat. 10:16).

Todos os Evangelhos relatam em termos absolutamente idênticos as palavras do Mestre: «Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, *tome sobre si a sua cruz e siga-me*». (Mat. 16:24; Marcos 8:34; Luc. 9:23).

Estas exportações dão sequência ao primeiro anúncio de Jesus a respeito dos Seus sofrimentos, da Sua morte e da Sua ressurreição.

Depois, no Evangelho de Lucas, 14:27, Jesus dirige-se às grandes multidões que caminham com Ele e diz-lhes: «Aquele que não *levar a sua cruz e não me seguir não pode ser meu discípulo*».

A Cruz

Quando Jesus utilizou esta palavra, queria Ele dizer que estava reservado para *cada um* dos Seus se-

guidores um tal instrumento de morte? Pois para que servia a cruz? Não era ela instrumento do suplício dos escravos, dos salteadores, dos rebeldes, castigo de carácter exemplar e, portanto, de *execução pública*?

Não era certamente aí que Jesus queria chegar. Tanto mais que haveria de vir o tempo em que os inventores e aplicadores de tal instrumento de suplício — os romanos — iriam deixar de existir. O seu uso desapareceria também, embora aparecessem outros meios de suplício igualmente cruéis, de mais longa ou curta agonia para as suas vítimas: a fogueira, o cadafalso, as câmaras de gás, etc, etc.

Usando o termo cruz e relacionando-o com os Seus discípulos (seguidores), há que procurar compreender o que Jesus queria dizer com tal injunção.

Note-se que os nossos textos não falam de CRUCIFIXÃO, mas de uma parte apenas do *ritual fatal* reservado àquele que iria ser executado em público.

Qual era a primeira parte do «ritual»? Esta: «LEVAR A CRUZ!»

O condenado, depois de ter sido espancado, devia *levar* o patíbulo ao longo do caminho que conduzia ao lugar do suplício final. Para que ninguém o ignorasse, o *motivo da pena* que ele *começa a sofrer* é anunciado: está no cartaz que leva à sua frente, o qual podia ser lido por todos os que passassem pelo caminho. Como é possível que de Jesus pudesse ter sido dito profeticamente: «Não vos comove isto a *todos vós que passais pelo caminho*? Atendei e vêde, se há dor como a minha dor, que veio sobre mim...?» (Lamentações, 1:12)

Para o infeliz que leva a sua cruz é isso: caminhar no meio da multidão com o escrito infamante, sujeito a insultos, a impropérios e a golpes; aprender a suportar a solidão!

Aqui podemos já chegar ao que Jesus queria dizer e ter ideia preci-

sa do que significa «levar a sua cruz».

Já o dissemos: Jesus enviou os Seus discípulos ao meio de Israel com a missão de O representar. Eles vão declarar-se como estando do Seu lado: «Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante do meu Pai, que está nos céus» (Mat. 10:32).

Impõe-se então a pergunta: o que significa isto? É levar por toda a parte o cartaz com a inscrição:

— Nós fizemos plena adesão a Cristo.

— Nós somos pertença Sua — Sua propriedade.

E outra pergunta surge logo: O que irá acontecer?

— Serão talvez mal recebidos, incompreendidos, caluniados, expulsos, levados aos tribunais, flagelados... odiados por causa do Seu nome (Mat. 10:22).

Sempre a TABULETA! Jesus quer simplesmente fazer-lhes compreender que seguiu-l' O é aceitar fazer a *experiência da adversidade* (João 16:33).

«Levar a sua cruz» é, pois, consentir em ser *conhecido*, reconhecido por todos como discípulo de Jesus, com todas as consequências que isso possa acarretar.

Entre os homens, esse não é título que atraia ou proporcione honras! Não é a facilidade... É a dificuldade escolhida, assumida.

A presença de Jesus em nós, torna-nos diferentes, põe-nos à margem, sem nos «tirar do mundo» (João 17:15).

Põe-nos entre os homens como alvo incomodativo, não é conforto, é risco. O risco permanente da incompreensão, do opróbrio, da calúnia, da própria morte...

Note-se que Jesus foi claro na Sua afirmação: «CADA UM LEVE A SUA CRUZ». Que quer isto dizer? Significa que não há caminho balizado, de experiência-tipo, estandarizada de clube cristão para levar uniformemente a sua cruz, indicando que pertence a Cristo.

Levar a sua cruz também não

Pedro Brito Ribeiro

nar a Sua Cruz

z, e não segue após mim, não é digno de Mim.». Mat. 10.38.

nos lavarmos da impressão que nos ficou!

Será realmente assim? Não, de modo algum. Antes é preciso enfrentá-los, tentar ver claro, e não ficar apenas no que é vago — Jesus nunca foi vago nas Suas declarações — mas antes perguntar:

— O que é que nós ouvimos?

— O que é que Jesus queria dizer verdadeiramente?

Geralmente entende-se que «Levar a sua cruz» é: «suportar as provações com resignação e a fé de Jesus Cristo»; cada um leva a sua cruz, isto é: «cada um tem os seus sofrimentos a suportar».

E quantas vezes se diminuem as descrições do Gólgota, os sofrimentos de Cristo, pela lastimosa descrição das nossas próprias penas. Tantas vezes ouvimos as pessoas falarem do «seu calvário», sem mesmo se perguntarem se não estariam a blasfemar, aplicando a sofrimentos por vezes vulgares, quantas vezes da sua própria culpa, um nome tão sagrado!

A própria cruz de Cristo, onde Ele expiou as culpas de toda a humanidade, não a vemos nós votada a tantos empregos banais, fúteis e profanos?

Na realidade, temos visto tantas cruces, de todas as cores e de tantos metais, por vezes cravejadas de brilhantes, em volta do pescoço de tantas mulheres (senão também de homens!), não servindo nem de longe a causa do Mestre!

Quantas pessoas se julgam, com tanta facilidade, tanta ligeireza, purificadas de todo o pecado pelo san-

gue de Cristo, só porque a *Sua cruz* lhes serve de ornamento!

Esta carga de ignomínia, tanto em voga, foi legada a um pseudocristianismo por muitos comentadores, falseando as expressões de Jesus Cristo. Mas o que queria Jesus realmente dizer na Sua injunção: «Qualquer que não levar a sua cruz não pode ser meu discípulo» (Lucas 14.27)?

Vejam o texto em Mat. 10:38: «E quem não toma a sua cruz e não segue após mim, não é digno de mim». O contexto deste versículo é muito importante. Faz parte das instruções que Jesus dá aos discípulos antes de os enviar em missão «como ovelhas ao meio de lobos» (Mat. 10:16).

Todos os Evangelhos relatam em termos absolutamente idênticos as palavras do Mestre: «Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me». (Mat. 16:24; Marcos 8:34; Luc. 9:23).

Estas exportações dão sequência ao primeiro anúncio de Jesus a respeito dos Seus sofrimentos, da Sua morte e da Sua ressurreição.

Depois, no Evangelho de Lucas, 14:27, Jesus dirige-se às grandes multidões que caminham com Ele e diz-lhes: «Aquele que não *levar a sua cruz e não me seguir não pode ser meu discípulo*».

A Cruz

Quando Jesus utilizou esta palavra, queria Ele dizer que estava reservado para *cada um* dos Seus se-

guidores um tal instrumento de morte? Pois para que servia a cruz? Não era ela instrumento do suplício dos escravos, dos salteadores, dos rebeldes, castigo de carácter exemplar e, portanto, de *execução pública*?

Não era certamente aí que Jesus queria chegar. Tanto mais que haveria de vir o tempo em que os inventores e aplicadores de tal instrumento de suplício — os romanos — iriam deixar de existir. O seu uso desapareceria também, embora aparecessem outros meios de suplício igualmente cruéis, de mais longa ou curta agonia para as suas vítimas: a fogueira, o cadafalso, as câmaras de gás, etc, etc.

Usando o termo cruz e relacionando-o com os Seus discípulos (seguidores), há que procurar compreender o que Jesus queria dizer com tal injunção.

Note-se que os nossos textos não falam de CRUCIFIXÃO, mas de uma parte apenas do *ritual fatal* reservado àquele que iria ser executado em público.

Qual era a primeira parte do «ritual»? Esta: «LEVAR A CRUZ!»

O condenado, depois de ter sido espancado, devia *levar* o patíbulo ao longo do caminho que conduzia ao lugar do suplício final. Para que ninguém o ignorasse, a *motivo da pena* que ele *começa a sofrer* é anunciado: está no cartaz que leva à sua frente, o qual podia ser lido por todos os que passassem pelo caminho. Como é possível que de Jesus pudesse ter sido dito profeticamente: «Não vos comove isto a *todos vós que passais pelo caminho*? Atendei e vêde, se há dor como a minha dor, que veio sobre mim...?» (Lamentações, 1:12)

Para o infeliz que leva a sua cruz é isso: caminhar no meio da multidão com o escrito infamante, sujeito a insultos, a impropérios e a golpes; aprender a suportar a solidão!

Aqui podemos já chegar ao que Jesus queria dizer e ter ideia preci-

sa do que significa «levar a sua cruz».

Já o dissemos: Jesus enviou os Seus discípulos ao meio de Israel com a missão de O representar. Eles vão declarar-se como estando do Seu lado: «Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante do meu Pai, que está nos céus» (Mat. 10:32).

Impõe-se então a pergunta: o que significa isto? É levar por toda a parte o cartaz com a inscrição:

— Nós fizemos plena adesão a Cristo.

— Nós somos pertença Sua — Sua propriedade.

E outra pergunta surge logo: O que irá acontecer?

— Serão talvez mal recebidos, incompreendidos, caluniados, expulsos, levados aos tribunais, flagelados... odiados por causa do Seu nome (Mat. 10:22).

Sempre a TABULETA! Jesus quer simplesmente fazer-lhes compreender que seguí-lo é aceitar fazer a *experiência da adversidade* (João 16:33).

«Levar a sua cruz» é, pois, consentir em ser *conhecido*, reconhecido por todos como discípulo de Jesus, com todas as consequências que isso possa acarretar.

Entre os homens, esse não é título que atraia ou proporcione honras! Não é a facilidade... É a dificuldade escolhida, assumida.

A presença de Jesus em nós, torna-nos diferentes, põe-nos à margem, sem nos «tirar do mundo» (João 17:15).

Põe-nos entre os homens como alvo incomodativo, não é conforto, é risco. O risco permanente da incompreensão, do opróbrio, da calúnia, da própria morte...

Note-se que Jesus foi claro na Sua afirmação: «CADA UM LEVE A SUA CRUZ». Que quer isto dizer? Significa que não há caminho balizado, de experiência-tipo, estandarizada de clube cristão para levar uniformemente a sua cruz, indicando que pertence a Cristo.

Levar a sua cruz também não

quer dizer que devemos levar a cruz de Cristo. Diz-nos também que não estamos a caminhar para o Gólgota. Que o *único crucificado é Ele* que Ele fez por nós o caminho até ao fim.

É a nossa vida de discipulado que deve ser vivida na claridade.

Finalmente, levar a nossa cruz é:

a) Aceitar, assimilar e assumir diante de todos, sem compromissos que poderiam poupar-nos alguma dificuldade ou desgosto, como abandono de amigos e familiares.

b) A nossa personalidade de discípulos de Jesus é levar e viver a nossa diferença na dignidade e na liberdade, pois Jesus não é dos que nos engodam na ilusão de «la vie en rose».

c) Jesus põe-nos ao corrente de tudo para que sejamos lúcidos, informados, e serenos, e mobilizados também.

d) Jesus não nos pede, de modo algum, para nos resignarmos, banhados nas águas dos bons sentimentos, diante de um viver que não seria mais do que um Calvário.

Não, Jesus não nos pede de modo algum para assumirmos, sob gemidos, uma cruz e esmagadoras obrigações.

Ele fala-nos e diz-nos:

«O meu discípulo que leva a sua cruz sabe o que está fazendo. Ele a leva sobre os ombros. Ele pode fazê-lo, porque Me pertence. Ele confia em Mim, por isso marcha levando-a!»

Similar metáfora, Jesus emprega quando diz: «Tomai sobre vós o meu jugo... porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (Mat. 11:29, 30).

Aqui Jesus invoca a Lei e não a Cruz, mas, quer num caso, como no outro, a *promessa de ajuda*, de presença, de conforto e de estímulo é a mesma:

«Aprende de mim, segui-me a mim, olhai para mim!» (Cfr. Is. 45.22)

Pedro Brito Ribeiro, pastor aposentado, vive actualmente em Loures, perto de Lisboa.

Pedro Brito Ribeiro

A Inauguração da Igreja da Guarda

Finalmente, o desejo tornou-se realidade.

Há muito tempo que a igreja da Guarda esperava por um novo lugar de Culto. As palavras de Jesus foram sempre o incentivo e a esperança: «Buscareis e encontrareis». Parecia-nos que seria impossível, visto não haver condições financeiras. Mas Deus realizou em cada um de nós um milagre. Pouco a pouco os membros foram ajudando, tendo a União Portuguesa ajudado imenso neste projecto. Rapidamente, meteu-se mãos à obra e com um grande espírito de sacrifício, no dia 27 de Março de 1993, pelas 10 horas começava a Escola Sabatina na nova igreja. Houve uma verdadeira «festa» no dia do Senhor. Ali estiveram presentes mais de 200 irmãos e visitas de Setúbal, Viseu, Carregal, Atalaia do Campo, V. Real e outros lugares.

Todos vieram dar o apoio à

igreja da Guarda, que veria nesse mesmo dia descer às águas baptismas 3 jovens. Outros 10 visitantes levantaram-se para responder ao apelo feito para entregar suas vidas a Cristo.

Que nunca esqueçamos este dia e possamos trabalhar para a grande inauguração celestial: a Nova Jerusalém.

O presidente da União, pastor Joaquim Dias, exortou a igreja a seguir os passos de Jesus. E a nunca esquecer o propósito da Igreja Adventista aqui na terra: a proclamação da mensagem dos três anjos. Conservar também presente o objectivo desta inauguração: Consagração e dedicação para sempre a Deus.

Agradecemos a todos os irmãos e amigos que estiveram entre nós. Que Deus vos abençoe para sempre!

António Rodrigues
Pastor da igreja da Guarda



Novo Templo da Comenda

Foi com grande e indiscritível alegria que os membros da igreja da Comenda viram a realização de um grande sonho, há muito acalentado. Tivemos a oportunidade de ouvir e ver a grande satisfação e regozijo de

todos os irmãos, irmãs e jovens no sábado 24 de Abril de 1993, dia em que, pela graça de Deus e pelo grande empenho da União, foi possível inaugurar o novo templo da Comenda.

«Já há muito esperávamos por



um recinto mais condigno para adorarmos o nosso bom Deus. Temos vindo sempre orando por este assunto; e o Senhor ouviu-nos!» Estas palavras foram pronunciadas por membros desta igreja, como resultado de corações radiantes e maravilhados, ao verem ser inaugurado um belo e funcional templo, cuja construção esteve a cargo do irmão Carlos Loureiro com a sua equipe de trabalho, os quais procuraram fazer o seu melhor, pois estavam a construir uma casa ao Senhor.

Pouco antes das 10 horas da manhã começaram a chegar de várias localidades, bem como da própria aldeia, irmãos e visitas, para assistirem às primeiras actividades ali realizadas. Através da Escola Sabatina, pedimos a presença de Deus e assim iniciámos o programa que viria a ser recheado de partes ou de momentos de adoração e acção de graças, convidando à actuação do

Espírito Santo e elevando-nos para uma maior e perfeita comunhão com Cristo. Fomos, neste início, inspirados pelos belos hinos interpretados pelas irmãs Aldina Cabrita e Clélia Colaço, do Algarve. A lição deste sábado foi apresentada por Neuza Glória e José Manuel Colaço este também de terras algarvias. Várias igrejas estavam representadas, as quais passo a citar: Ponte de Sor, Nisa, Atalaia do Gavião, Moinho do Torrão, Tomar, Avintes, Viseu, Lisboa Central, Abrantes, Santana, Amadora, Sintra, Vila do Conde, Portimão, Ferreiras, Setúbal, Portalegre, Ribeira de Nisa, Lapi, Figueira da Foz, Arganil, e talvez alguma mais que por lapso não tenhamos mencionado. Destaque ainda para uma jovem membro de uma de nossas igrejas do Brasil, que também estava presente. Agradecemos muito a presença de todos estes nossos irmãos, pois vieram



dar muita animação a tudo aquilo que foi desenvolvido durante este dia. Não podemos esquecer de maneira alguma a presença de todos os membros da Comenda, alguns com familiares não adventistas e outros com vizinhos e amigos que aceitaram o convite.

Ainda da parte da manhã pudemos com alegria adorar ao Senhor através do culto divino cuja pregação esteve a cargo do pastor Paulo Mendes, tendo também a adoração sido enriquecida pela actuação do grupo «Paz», da igreja de Setúbal, aos quais agradecemos.

Terminado o culto e antes de entoarmos o hino de despedida, fizemos o convite a todos os presentes para o almoço em conjunto na sala de convívio, cujos deliciosos pratos foram preparados pelas irmãs da Comenda, às quais agradecemos, pois foram incansáveis.

À tarde, por volta das 15h30, iniciámos as actividades. O templo ficou superlotado. Muitas pessoas tiveram que ficar no átrio e outras no salão de jovens, ouvindo apenas através das colunas de som ali instaladas. A primeira parte do programa da tarde seria a dedicação do templo a Deus, seguida por uma cerimónia batismal, bem como a actuação do grupo «Paz». Graças a Deus, tudo correu conforme planeado. Os pastores Ezequiel Quintino e Paulo Mendes, como representantes da União, oficiaram o acto de dedicação, tendo a colaboração dos pastores Joaquim Casaquinha, Daniel Vicente (ex-pastor desta igreja) e do signatário, actual pastor da Comenda. Deram-nos também a alegria da sua presença os pastores António Gameiro e Daniel Martins.

Foi com grande emoção e entusiasmo que todos em uníssono, participando na mensagem de dedicação, disseram: «Nós dedicamos esta casa a Ti, ó Deus!»

Concluindo, houve outra cerimónia, não menos importante, através da qual quatro jovens

deram o seu testemunho público em como aceitaram a Cristo como seu Salvador pessoal, pelas águas baptismas. Houve muita alegria, não apenas entre nós, mas sobretudo no Céu, pois há grande regozijo celeste quando um pecador se arrepende. Os jovens que se entregaram a Cristo foram os seguintes: Francisco Luis Mota, da Comenda, Tiago e Sérgio Ventura, de Nisa, e Jaime Marques Pulguinhas, de Ponte de Sor, aos quais damos os nossos sinceros parabéns! Esta cerimónia baptismal foi dirigida pelos pastores Ezequiel Quintino, que fez o sermão, Daniel Vicente e Justino Glória que baptizaram os candidatos, e Joaquim Casaquinha que fez o apelo final. Por fim, elevando-nos para mais perto de Deus ainda, fomos deliciados pelos belos cânticos do grupo da Paz de Setúbal.

Desejamos dizer que estamos muito gratos ao nosso bom Deus. A Ele seja dada toda a glória. Mas não podemos passar por alto todos quantos tornaram possível este grandioso acontecimento, bem como o privilégio de termos mais um novo e agradável templo do nosso país. Os nossos mais reconhecidos agradecimentos, humanamente falando, são para a União, tanto para a anterior administração, que na pessoa dos pastores Joaquim Morgado e Juvenal Gomes, deu início à construção, bem como para a actual, na pessoa do presidente pastor Joaquim Dias e seus colaboradores mais directos, pastor Paulo Mendes (tesoureiro) e pastor Ezequiel Quintino (secretário), os quais não mediram esforços para que a obra fosse concluída. Agradecemos também aos pastores que passaram pela Comenda e que incentivaram os membros à abertura de uma nova igreja, planeando e preparando as coisas para a sua concretização, especialmente o pastor Daniel Vicente que deu início à construção, a qual foi concluída pelo actual pastor, transferido para cá em Setembro do ano

passado. A nossa gratidão igualmente para os senhores Presidente da Camara Municipal de Gavião e Presidente da Junta de Freguesia da Comenda, os quais nos deram todas as facilidades possíveis para esta realização. O nosso conhecimento também a todos os membros de cá e de outras igrejas que contribuíram com doativos ou com o seu próprio trabalho. A todos estes estirados amigos e irmãos que me cionámos, e alguém mais, que porventura não referimos por esquecimento ou desconhe-

Macedo de Cavaleiros Uma nova luz já

Como Samuel, apetece-nos dizer: «Até aqui nos ajudou o Senhor!» (I Sam. 7:12).

Já passavam alguns minutos das dez horas, do dia 17 de Abril, quando na nova igreja Macedo de Cavaleiros se seguia um dos conselhos do salmista David que diz: «Ó, vinde, adremos e prostremo-nos; ajoelhem-semos diante do Senhor que nos criou» (Sal. 95:6).

Irmãos vindos do Porto, Oliveira do Douro, Vila Real, Guarda e ainda dos pequenos grupos desta região, todos contribuí-



a Guarda

da, que veria nes-
a descer às águas
jovens. Outros 10
vantaram-se para
o apelo feito para
vidas a Cristo.

esqueçamos este
os trabalhar para a
uração celestial: a
ém.

te da União, pas-
Dias, exortou a
ir os passos de Je-
ca esquecer o pro-
ja Adventista aqui
oclamação da men-
s anjos. Conservar
sente o objectivo
ação: Consagração
para sempre a

nos a todos os ir-
gos que estiveram
ue Deus vos aben-
pre!

o Rodrigues
igreja da Guarda



la

ãos, irmãs e jovens
4 de Abril de 1993,
pela graça de Deus
ande empenho da
possível inaugurar o
o da Comenda.
uito esperávamos por



um recinto mais condigno para
adorarmos o nosso bom Deus.
Temos vindo sempre orando por
este assunto; e o Senhor ouviu-
nos!» Estas palavras foram pro-
nunciadas por membros desta
igreja, como resultado de cora-
ções radiantes e maravilhados,
ao verem ser inaugurado um be-
lo e funcional templo, cuja cons-
trução esteve a cargo do irmão
Carlos Loureiro com a sua equi-
pe de trabalho, os quais procura-
ram fazer o seu melhor, pois
estavam a construir uma casa ao
Senhor.

Pouco antes das 10 horas da
manhã começaram a chegar de
várias localidades, bem como da
própria aldeia, irmãos e visitas,
para assistirem às primeiras ac-
tividades ali realizadas. Através
da Escola Sabatina, pedimos a
presença de Deus e assim iniciá-
mos o programa que viria a ser
recheado de partes ou de momen-
tos de adoração e acção de
graças, convidando à actuação do

Espírito Santo e elevando-nos
para uma maior e perfeita com-
unhão com Cristo. Fomos,
neste início, inspirados pelos
belos hinos interpretados pelas
irmãs Aldina Cabrita e Clélia
Colaço, do Algarve. A lição
deste sábado foi apresentada por
Neuza Glória e José Manuel
Colaço este também de terras al-
garvias. Várias igrejas estavam
representadas, as quais passo a
citar: Ponte de Sor, Nisa, Ata-
laia do Gavião, Moinho do Tor-
rão, Tomar, Avintes, Viseu,
Lisboa Central, Abrantes, San-
tana, Amadora, Sintra, Vila do
Conde, Portimão, Ferreiras, Se-
túbal, Portalegre, Ribeira de Ni-
sa, Lapi, Figueira da Foz, Ar-
ganil, e talvez alguma mais que
por lapso não tenhamos mencio-
nado. Destaque ainda para uma
jovem membro de uma de nos-
sas igrejas do Brasil, que tam-
bém estava presente. Agradece-
mos muito a presença de todos
estes nossos irmãos, pois vieram



dar muita animação a tudo aqui-
lo que foi desenvolvido duran-
te este dia. Não podemos esque-
cer de maneira alguma a presen-
ça de todos os membros da Co-
menda, alguns com familiares
não adventistas e outros com vi-
zinhos e amigos que aceitaram
o convite.

Ainda da parte da manhã pu-
demos com alegria adorar ao
Senhor através do culto divino
cuja pregação esteve a cargo do
pastor Paulo Mendes, tendo
também a adoração sido enri-
quecida pela actuação do grupo
«Paz», da igreja de Setúbal, aos
quais agradecemos.

Terminado o culto e antes de
entoarmos o hino de despedida,
fizemos o convite a todos os
presentes para o almoço em
conjunto na sala de convívio,
cujos deliciosos pratos foram
preparados pelas irmãs da Co-
menda, às quais agradecemos,
pois foram incansáveis.

À tarde, por volta das 15h30,
iniciámos as actividades. O tem-
plo ficou superlotado. Muitas
pessoas tiveram que ficar no
átrio e outras no salão de jovens,
ouvindo apenas através das co-
lunas de som ali instaladas. A
primeira parte do programa da
tarde seria a dedicação do tem-
plo a Deus, seguida por uma ce-
rimónia batismal, bem como a
actuação do grupo «Paz». Gra-
ças a Deus, tudo correu confor-
me planeado. Os pastores Eze-
quiel Quintino e Paulo Mendes,
como representantes da União,
oficiaram o acto de dedicação,
tendo a colaboração dos pasto-
res Joaquim Casaquilha, Daniel
Vicente (ex-pastor desta igreja)
e do signatário, actual pastor da
Comenda. Deram-nos também
a alegria da sua presença os pas-
tores António Gameiro e Daniel
Martins.

Foi com grande emoção e en-
tusiasmo que todos em unísso-
no, participando na mensagem
de dedicação, disseram: «Nós
dedicamos esta casa a Ti, ó
Deus!»

Concluindo, houve outra ce-
rimónia, não menos importan-
te, através da qual quatro jovens

deram o seu testemunho públi-
co em como aceitaram a Cristo
como seu Salvador pessoal, pe-
las águas baptismas. Houve
muita alegria, não apenas entre
nós, mas sobretudo no Céu,
pois há grande regozijo celeste
quando um pecador se arrepen-
de. Os jovens que se entregaram
a Cristo foram os seguintes:
Francisco Luis Mota, da Co-
menda, Tiago e Sérgio Ventu-
ra, de Nisa, e Jaime Marques
Pulguinhas, de Ponte de Sor,
aos quais damos os nossos sin-
ceros parabéns! Esta cerimónia
baptismal foi dirigida pelos pas-
tores Ezequiel Quintino, que fez
o sermão, Daniel Vicente e Jus-
tino Glória que baptizaram os
candidatos, e Joaquim Casaqui-
nha que fez o apelo final. Por
fim, elevando-nos para mais
perto de Deus ainda, fomos de-
liciado pelos belos cânticos do
grupo da Paz de Setúbal.

Desejamos dizer que estamos
muito gratos ao nosso bom
Deus. A Ele seja dada toda a
glória. Mas não podemos pas-
sar por alto todos quantos tor-
naram possível este grandioso
acontecimento, bem como o pri-
vilégio de termos mais um no-
vo e agradável templo do nosso
país. Os nossos mais reconhe-
cidos agradecimentos, human-
mente falando, são para a
União, tanto para a anterior ad-
ministração, que na pessoa dos
pastores Joaquim Morgado e Ju-
venal Gomes, deu início à cons-
trução, bem como para a actual,
na pessoa do presidente pastor
Joaquim Dias e seus colabora-
dores mais directos, pastor Pau-
lo Mendes (tesoureiro) e pastor
Ezequiel Quintino (secretário),
os quais não mediram esforços
para que a obra fosse concluí-
da. Agradecemos também aos
pastores que passaram pela Co-
menda e que incentivaram os
membros à abertura de uma no-
va igreja, planeando e prepara-
ndo as coisas para a sua concre-
tização, especialmente o pastor
Daniel Vicente que deu início à
construção, a qual foi concluí-
da pelo actual pastor, transferi-
do para cá em Setembro do ano

passado. A nossa gratidão vai
igualmente para os senhores
Presidente da Camara Muni-
cipal de Gavião e Presidente
da Junta de Freguesia da Co-
menda, os quais nos deram to-
das as facilidades possíveis pa-
ra esta realização. O nosso re-
conhecimento também a todos
os membros de cá e de outras
igrejas que contribuíram com
donativos ou com o seu próprio
trabalho. A todos estes estima-
dos amigos e irmãos que men-
cionámos, e alguém mais, que
porventura não referimos por
esquecimento ou desconheci-

mento, o nosso muito obrigado
em nome de todos os membros
da igreja de Comenda. Bem ho-
jam! Que Deus vos recompen-
se grandiosamente!

Estimado leitor da *Revista
Adventista*: Quando quiser res-
pirar ar puro e conviver com ir-
mãos e irmãs muito simpáticos
e hospitaleiros, lembre-se do
Alto Alentejo, venha até à Co-
menda, adorar a Deus conosco,
num lugar calmo e tran-
quilo.

Justino Glória

Pastor da igreja de Comenda.

Macedo de Cavaleiros: Uma nova luz já brilha

Como Samuel, apetece-nos
dizer: «Até aqui nos ajudou o
Senhor!» (I Sam. 7:12).

Já passavam alguns minutos
das dez horas, do dia 17 de
Abril, quando na nova igreja de
Macedo de Cavaleiros se seguiu
um dos conselhos do salmista
David que diz: «Ó, vinde, ado-
remos e prostremo-nos; ajoelhe-
mos diante do Senhor que nos
criou» (Sal. 95:6).

Irmãos vindos do Porto, Oli-
veira do Douro, Vila Real, Guar-
da e ainda dos pequenos grupos
desta região, todos contribui-

ram para mais um dia inesquecível
na história do povo de Deus.

Não podemos esquecer a tão
bela Escola Sabatina que nos foi
apresentada pelo nosso amigo e
pastor Mário Cabral, e ainda to-
dos aqueles que nela participa-
ram.

Linda vozes trouxeram até
nós a alegria da mensagem can-
tada. O culto de adoração este-
ve a cargo do presidente da
União, pastor Joaquim Dias,
que nos falou do evangelho de
João 17:17-21: «O que é a Ver-
dade».



Seguiu-se o almoço-convívio, em que mais uma vez ficou demonstrado que não somos apenas uma igreja, mas também uma família.

As quinze horas e trinta minutos iniciámos novamente os momentos sagrados com um coro de crianças, pois também elas quiseram participar com as suas lindas vozes. E a música foi, à tarde, o que mais louvou ao Senhor: o coro Elnanaem, o coro de Vila Real, o solo da irmã Fernanda Amélia e ainda o Luís e a Sónia.

Alguns momentos foram também dedicados ao historial desta igreja que naquele dia acabava de nascer.

Seguiram-se momentos de reflexão da Palavra de Deus, e estes foram, mais uma vez, diri-

gidos pelos pastor Joaquim Dias, que procedeu à cerimónia de dedicação da nova igreja.

Não gostaria de deixar de vos transmitir que estiveram no nosso meio treze visitas, a maior parte das quais se disponibilizaram a estudar a Bíblia connosco. A si, que está a ler este artigo, pedimos que não se esqueça nas suas orações de orar por este trabalho no Nordeste Transmontano. Gostaria, como responsável, de agradecer aos membros da União pela maneira tão compreensível e tão carinhosa como estiveram sempre receptivos à abertura desta igreja.

M. Fernandes

Ancião da igreja de
Macedo de Cavaleiros

Novas Igrejas e Salas de Culto

Vieira de Leiria:

Rua Professor Gilberto Correia Ribeiro, 35 R/C
Vieira de Leiria
2430 MARINHA GRANDE

Guarda:

Rua do Pina, 24
Guarda Gare
6300 GUARDA

Macedo de Cavaleiros:

Rua António José Fernandes
5340 MACEDO DE CAVALEIROS

Comenda:

Rua da Fonte Velha
Comenda
6040 GAVIÃO

Notícias da Baixa da Banheira: 4.ª fase da Campanha de Evangelização concentra 75 presenças

No passado mês de Janeiro o Pr. Casaquinha desenvolveu a primeira série de reuniões no contexto do **Seminário Maranata**, na igreja da Baixa da Banheira. Parte do tempo foi então reservada para um testemunho vivo de porta-a-porta no bairro do Vale da Amoreira. Nesse dia, ninguém conseguiu prever o que se iria viver no mesmo bairro, quatro meses depois: no Sábado dia 17 de Abril entrava em acção a quarta fase do esforço evangelístico na Baixa da Banheira com uma assistência de 75 presenças.

Depois do tempo de preparação pusemo-nos ao dispor dos irmãos, indo ao encontro das suas necessidades e não da aplicação de um qualquer método desajustado à realidade da igreja.

Assim, começámos um **curso especial de aprendizagem do inglês**, usando a Bíblia como texto de apoio. Entre os jovens gerou-se o entusiasmo, e alguns amigos começaram a surgir. Algumas semanas depois foi altura de começarmos o **1.º Seminário Sobre Nutrição**. Foi então que fomos abordados pelo plano dos jovens intitulado **«Primavera no Vale»**: a ousadia levada pelo sopro do vento do Espírito — assim podíamos caracterizar a ambição pretendida. Entretanto, um dos jovens organizava numa cave **reuniões com jovens não adventistas** e apresentava-nos um grupo de dezassete. O entusiasmo cresceu, ao mesmo tempo que aumentava o desconforto diante do desconhecido, e preparámo-nos para avançar. E tudo entregámos nas mãos de Deus.

Assim se exprime o irmão Benjamim Paiva, ancião da igreja: «Na sala alugada em ple-



no coração do Vale da Amoreira (Baixa da Banheira), juntaram-se 75 pessoas, entre as quais 15 não eram adventistas, neste dia 17 de Abril. Esta foi uma iniciativa dos irmãos africanos residentes nesta área, denominada **«Primavera no Vale»**. Aqui residem — além de uma numerosa população europeia — para cima de cinco mil africanos oriundos dos PALOPS. Desde as crianças, passando pelos jovens, até aos adultos, assim vimos surgir almas que oramos a Deus venham a encontrar também a pérola da vida que é Cristo. Por isso pedimos a todos vós as vossas orações.»

Assim nasceu o Projecto **«Primavera no Vale»**. Pedimos a Deus que esta seja a Primavera de Refrigério de milhares de pessoas que aqui vivem sem o amor de Cristo. Passando a Palavra ao Mundo. Agradecemos as vossas orações.

Luis Nunes

Pastor das igrejas do Barreiro
e Baixa da Banheira

Aguardando a Ressurreição

Pastor João da Ascensão Esteves



Faleceu subitamente no passado dia 7 de Fevereiro, o pastor João da Ascensão Esteves.

Nascido a 9 de Novembro de 1916, conheceu a Igreja Adventista em Coimbra, com a idade de 18 anos, aquando de umas conferências realizadas naquela cidade pelo pastor Manuel Lourinho, vindo a ser o primeiro adventista a ser baptizado naquela cidade.

Aos 20 anos recebe o chamado para servir ao Senhor como missionário em terras de África. Vai, ainda solteiro, como professor para a missão do Bongo em Angola. Nesse mesmo ano, casa-se por procuração com a nossa querida irmã Lourença, que parte então para a mesma missão.

De professor no Bongo passa à missão do Cuale, onde assume a direcção da mesma. Passados dois anos, é obrigado, por motivos de saúde (paludismo e uma grande infecção no fígado, por águas contaminadas), a regressar a Portugal para recuperação. Depois de dois anos de tratamentos, volta às missões, desta feita a Cabo Verde. Como director de Campo, passa pela Brava onde nasce o seu primeiro filho, David, e pela Ilha do Fogo.

Vindo de «férias» a Portugal é-lhe confiada a responsabilidade da igreja do Barreiro, e é durante este período que nasce o seu segundo filho, Daniel.

De regresso a Cabo Verde,

fica mais três anos na Ilha de S. Tiago, cidade da Praia. De arquipélago em arquipélago, é colocado nos Açores, e durante três anos é responsável por aquela Missão.

Algum tempo depois volta a África, a Moçambique, Lourenço Marques, actual Maputo, onde inicia um período de 12 anos sem visitar a sua terra natal. É em Moçambique que nasce o seu terceiro filho, Emanuel.

Volta à missão do Cuale, trabalha depois nas igrejas de Sá da Bandeira, Moçamedes e Luso. É então chamado a servir em S. Tomé, onde permanece por um período e três anos, regressando de novo a Angola, à cidade de Benguela, e, posteriormente a Luanda.

De viagem a Viena de Áustria, para assistir à Conferência Geral de 1975, é surpreendido com notícias da situação política em Angola, e é aconselhado a não regressar a Angola, em razão do clima de instabilidade que ali se vive.

Fixa-se em Coimbra, onde fica a aguardar a colocação. É então chamado a servir na igreja da cidade de Setúbal, onde ministra os seus últimos cinco anos de ministério, e onde permaneceu como membro até que veio a adormecer na esperança da ressurreição.

Deixa-nos a alegria de vermos que todos os seus familiares directos (excepto seu pai e um irmão), por seu testemunho entregaram suas vidas ao Senhor.

A educação cristã, que procurou em todo o momento ministrar a seus filhos, fez deles membros activos na Igreja do Senhor. O Dr. David Esteves é ancião na igreja de Coimbra; o Dr. Daniel Esteves é obreiro na causa do Senhor e serve neste momento como responsável do

Departamento de Saúde e perança e do Serviço Larmlia na U.P.A.S.D.; e Emanuel Esteves é membro do conselho escsecretário de Educação, na ja de Setúbal.

À nossa querida irmã Lourença, sua incansável companheira de ministério, a seus filhos, netos e restante família, desejamos a Deus que viva em paz e harmonia com os irmãos e amigos, o

Aristides Rodrigues

No dia 23 de Março de 1993 faleceu em Ponta Delgada, o irmão Aristides Rodrigues Ito, natural de Ribeira Grande, S. Miguel, Açores. Deixou duas filhas e sete netos, um dos quais o Dr. Mário Machado, actual Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e deputado à Assembleia Legislativa Regional.

O irmão Aristides nasceu em 13 de Março de 1914 e foi baptizado em 1944 em Lajes das Flores, pelo irmão Manuel Lourinho. Desempenhou vários cargos de responsabilidade na direcção da igreja, tendo sido diácono e ancião durante muitos anos. Até finais de 1992 ainda ia à igreja, mas a queda impossibilitou-o de continuar a fazê-lo.

Visitei-o em casa de sua filha, D. Noémia, e também no hospital. Quando o vi pela primeira vez sorriu, muito feliz por conhecer o novo pastor da igreja.

No dia do seu aniversário da que estivesse na cama, sua filha, que dele cuidava carinhosamente, preparou um bolo para festejar a data, e tive o privilégio de orar em acção de graças.

O nosso irmão era um homem de muita fibra, que suportou grandes pressões e se manteve fiel à sua fé em Cristo. Essa sua ténpera rijamente manifestava-se na maneira

Notícias da Baixa da Banheira: 4.ª fase da Campanha de Evangelização concentra 75 presenças

No passado mês de Janeiro o Pr. Casaquinha desenvolveu a primeira série de reuniões no contexto do **Seminário Maranata**, na igreja da Baixa da Banheira. Parte do tempo foi então reservada para um testemunho vivo de porta-a-porta no bairro do Vale da Amoreira. Nesse dia, ninguém conseguiu prever o que se iria viver no mesmo bairro, quatro meses depois: no Sábado dia 17 de Abril entrava em acção a quarta fase do esforço evangelístico na Baixa da Banheira com uma assistência de 75 presenças.

Depois do tempo de preparação pusemo-nos ao dispor dos irmãos, indo ao encontro das suas necessidades e não da aplicação de um qualquer método desajustado à realidade da igreja.

Assim, começámos um **curso especial de aprendizagem do inglês**, usando a Bíblia como texto de apoio. Entre os jovens gerou-se o entusiasmo, e alguns amigos começaram a surgir. Algumas semanas depois foi altura de começarmos o **1.º Seminário Sobre Nutrição**. Foi então que fomos abordados pelo plano dos jovens intitulado **«Primavera no Vale»**: a ousadia levada pelo sopro do vento do Espírito — assim podíamos caracterizar a ambição pretendida. Entretanto, um dos jovens organizava numa cave **reuniões com jovens não adventistas** e apresentava-nos um grupo de dezassete. O entusiasmo cresceu, ao mesmo tempo que aumentava o desconforto diante do desconhecido, e preparámo-nos para avançar. E tudo entregámos nas mãos de Deus.

Assim se exprime o irmão Benjamim Paiva, ancião da igreja: «Na sala alugada em ple-



no coração do Vale da Amoreira (Baixa da Banheira), juntaram-se 75 pessoas, entre as quais 15 não eram adventistas, neste dia 17 de Abril. Esta foi uma iniciativa dos irmãos africanos residentes nesta área, denominada **«Primavera no Vale»**. Aqui residem — além de uma numerosa população europeia — para cima de cinco mil africanos oriundos dos PALOPs. Desde as crianças, passando pelos jovens, até aos adultos, assim vimos surgir almas que oramos a Deus venham a encontrar também a pérola da vida que é Cristo. Por isso pedimos a todos vós as vossas orações.»

Assim nasceu o Projecto **«Primavera no Vale»**. Pedimos a Deus que esta seja a Primavera de Refrigério de milhares de pessoas que aqui vivem sem o amor de Cristo. Passando a Palavra ao Mundo. Agradecemos as vossas orações.

Luis Nunes

Pastor das igrejas do Barreiro e Baixa da Banheira

Aguardando a Ressurreição

Pastor João da Ascensão Esteves



Faleceu subitamente no passado dia 7 de Fevereiro, o pastor João da Ascensão Esteves.

Nascido a 9 de Novembro de 1916, conheceu a Igreja Adventista em Coimbra, com a idade de 18 anos, aquando de umas conferências realizadas naquela cidade pelo pastor Manuel Lourinho, vindo a ser o primeiro adventista a ser baptizado naquela cidade.

Aos 20 anos recebe o chamado para servir ao Senhor como missionário em terras de África. Vai, ainda solteiro, como professor para a missão do Bongo em Angola. Nesse mesmo ano, casa-se por procuração com a nossa querida irmã Lourença, que parte então para a mesma missão.

De professor no Bongo passa à missão do Cuale, onde assume a direcção da mesma. Passados dois anos, é obrigado, por motivos de saúde (paludismo e uma grande infecção no fígado, por águas contaminadas), a regressar a Portugal para recuperação. Depois de dois anos de tratamentos, volta às missões, desta feita a Cabo Verde. Como director de Campo, passa pela Brava onde nasce o seu primeiro filho, David, e pela Ilha do Fogo.

Vindo de «férias» a Portugal é-lhe confiada a responsabilidade da igreja do Barreiro, e é durante este período que nasce o seu segundo filho, Daniel.

De regresso a Cabo Verde,

fica mais três anos na Ilha de S. Tiago, cidade da Praia. De arquipélago em arquipélago, é colocado nos Açores, e durante três anos é responsável por aquela Missão.

Algum tempo depois volta à África, a Moçambique, Lourenço Marques, actual Maputo, onde inicia um período de 12 anos sem visitar a sua terra natal. É em Moçambique que nasce o seu terceiro filho, Emanuel.

Volta à missão do Cuale, trabalha depois nas igrejas de Sá da Bandeira, Moçâmedes e Luso. É então chamado a servir em S. Tomé, onde permanece por um período e três anos, regressando de novo a Angola, à cidade de Benguela, e, posteriormente a Luanda.

De viagem a Viena de Áustria, para assistir à Conferência Geral de 1975, é surpreendido com notícias da situação política em Angola, e é aconselhado a não regressar a Angola, em razão do clima de instabilidade que ali se vive.

Fixa-se em Coimbra, onde fica a aguardar a colocação. É então chamado a servir na igreja da cidade de Setúbal, onde ministra os seus últimos cinco anos de ministério, e onde permaneceu como membro até que veio a adormecer na esperança da ressurreição.

Deixa-nos a alegria de vermos que todos os seus familiares directos (excepto seu pai e um irmão), por seu testemunho entregaram suas vidas ao Senhor.

A educação cristã, que procurou em todo o momento ministrar a seus filhos, fez deles membros activos na Igreja do Senhor. O Dr. David Esteves é ancião na igreja de Coimbra; o Dr. Daniel Esteves é obreiro na causa do Senhor e serve neste momento como responsável do

Departamento de Saúde e Temperança e do Serviço Lar e Família na U.P.A.S.D.; e o Dr. Emanuel Esteves é ancião, membro do conselho escolar e secretário de Educação, na igreja de Setúbal.

À nossa querida irmã Lourença, sua incansável companheira de ministério, a seus filhos, noras, netos e restante família de irmãos e amigos, o nosso

mais sincero desejo de que o Senhor Jesus os ajude a continuar a obra deste servo de Deus, seguindo o seu exemplo de fé e serviço, e que o Senhor os possa continuar a confortar e abençoar com a esperança de um encontro na manhã da ressurreição.

Daniel Vicente

Pastor da igreja de Setúbal

Aristides Rodrigues Peixoto

No dia 23 de Março de 1993 faleceu em Ponta Delgada o irmão Aristides Rodrigues Peixoto, natural de Ribeira Grande, S. Miguel, Açores. Deixa duas filhas e sete netos, um dos quais o Dr. Mário Machado, ex-Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e actual deputado à Assembleia Legislativa Regional.

O irmão Aristides Peixoto nasceu em 13 de Março de 1911 e foi baptizado em 1944, nas Lajes das Flores, pelo pastor Manuel Lourinho. Desempenhou vários cargos de responsabilidade na direcção da igreja, tendo sido diácono e ancião durante muitos anos. Até final de 1992 ainda ia à igreja, mas uma queda impossibilitou-o de voltar a fazê-lo.

Visitei-o em casa de sua filha, D. Noémia, e também no hospital. Quando o vi pela primeira vez sorriu, muito feliz por conhecer o novo pastor da igreja. No dia do seu aniversário, ainda que estivesse na cama, sua filha, que dele cuidava carinhosamente, preparou um bolo para festejar a data, e tive o privilégio de orar em acção de graças.

O nosso irmão era um homem de muita fibra, que suportou grandes pressões mas se manteve fiel à sua fé em Cristo. Essa sua ténpera rija manifestava-se na maneira como

reagia aos sofrimentos físicos que o atormentavam. Quer no hospital, quer em casa, nunca se lhe escutava um gemido, uma lamentação ou uma queixa. Deixou a quantos o conheceram um nobre exemplo de resignação cristã.

No dia 20 de Março de 1993 visitei-o. Quando me viu, o seu rosto descorado e magro iluminou-se com um sorriso grande. Repeti a pergunta que muitas vezes lhe fiz ao longo das minhas visitas: «O irmão está firme em Jesus?» A resposta foi imediata, extravasando certeza, ainda que proferida numa voz sussurrada: «Sim, estou firme em Jesus.»

O seu coração deixou de bater, mas a sua vida está escondida com Cristo em Deus, e o Senhor o ressuscitará para lhe dar um novo corpo de incorruptibilidade, na breve volta de nosso Senhor Jesus Cristo.

O funeral foi muito concorrido, tendo sido o corpo levado para o cemitério de Ribeira Grade.

Queremos encontrar o nosso irmão na manhã da ressurreição e desejamos que essa experiência abranja toda a sua família.

Orlando M. de Albuquerque

Pastor da igreja de Ponta Delgada

Um Povo, Um Deus

Já alguma vez pensaram no milagre da Igreja Adventista do Sétimo Dia? Não apenas no que os membros desta igreja estão fazendo, mas a igreja em si mesmo?

Nós somos um movimento único entre as denominações protestantes: Não só somos uma das igrejas que mais rapidamente crescem no mundo, acrescentando membros na proporção de cerca de 1200 por dia, mas estamos espalhados por todo o globo, com trabalho em mais de 190 países.

Na verdade, a profecia de Apocalipse 14:6, 7 está sendo cumprida nos nossos dias, mesmo diante dos nossos olhos: «E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.»

Louvamos ao Senhor pelo que Ele fez e está fazendo. A Ele seja toda a glória!

Mas com este rápido crescimento e incrível diversidade surgem perigos. Seremos capazes de nos manter juntos? Ou iremos dividindo-nos gradualmente segundo linhas étnicas ou nacionais? Poderão surgir entre nós diferenças doutrinárias? Poderão os «teres» da igreja entrar em conflito com as áreas menos influentes — os «não ter»?

Este movimento começou na América do Norte. Durante muitos anos foi essencialmente uma igreja norte-americana. Mas já não o é:

- Agora, na Divisão Norte-americana vivem menos 12 por cento dos Adventistas.
- A igreja está crescendo mais rapidamente fora dos Estados Unidos.
- O pêndulo do número de membros está-se deslocando do Hemisfério Norte para o Hemisfério Sul.
- O espanhol, em vez do inglês, está-se tornando a língua dominante de cada vez mais adventistas.

Uma igreja em mudança: como vamos reagir? Sentir-nos-emos ameaçados por pessoas de raça, cor ou línguas diferentes? Ou alegrar-nos-emos no milagre do evangelho que é unir tantos povos diversos num único corpo?

Meus amigos: Assim como o evangelho eterno avança apenas pelo poder do Espírito Santo, também apenas pelo mesmo Espírito seremos nós capazes de permanecer unidos. A unidade na igreja, tal como o crescimento, provém apenas do Senhor!

A despeito das pressões do mundo para nos apartar, eu estou confiante em que a Igreja Adventista do Sétimo Dia permanecerá unida nos dias que estão à nossa frente. Nós temos quatro grandes elos que nos unem, que as outras igrejas não têm:

1. Uma mensagem comum. Desde o princípio que a doutrina tem sido importante para os Adventistas e ainda o é. A Segunda Vinda, o Sábado, o santuário, a mensagem dos três anjos, o estado dos mortos — estas doutrinas são os pilares da nossa fé. E as 27 crenças fundamentais unem-nos mundialmente na mesma doutrina.

2. Uma missão comum. A Grande Comissão (Mat. 28:18-20) dá-nos as nossas ordens de marcha. Nós não somos apenas uma igreja — somos um movimento! Temos um projecto e um propósito. Sabemos para onde vamos!

3. Um estilo de vida comum. Somos um povo que acredita em viver para honra e glória de Deus, honrando-O através do que fazemos, dizemos, comemos, ouvimos e vemos. Nós encorajamos a simplicidade no vestir e no viver. O sábado chama-nos de volta a Deus em tudo o que fazemos — não só durante um dia da semana, mas nos seus sete dias.

4. Uma esperança comum. Jesus vai voltar! Temos esta esperança que arde nos nossos corações. Um dia, cremos, os céus abrir-se-ão e o nosso Salvador, que há tanto esperamos, voltará. «Virei outra vez», prometeu Ele

(João 14:1-3), e nós sabemos que Ele cumprirá a Sua palavra.

Contudo, para além destes quatro grandes elos, está o próprio Jesus. A nossa unidade, finalmente, encontra-se n'Ele apenas. Foi Ele que nos fez um — Ele é o nosso Criador.

E a Sua cruz também nos fez um. «Porque Ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e derribando a parede de separação que estava no meio... para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus... Porque por Ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito» (Efés. 2:14-18).

Ellen White realça este ponto:

«O segredo da unidade encontra-se na igualdade entre os crentes em Cristo. A razão de todas as divisões, discórdias e diferenças encontra-se na separação de Cristo. Cristo é o centro para o qual todos devem ser atraídos; pois quanto mais nos aproximamos do centro, tanto mais nos aproximaremos uns dos outros em sentimento, em simpatia, em amor, crescendo no carácter e imagem de Jesus. Para Deus não há acepção de pessoas.» (*Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 259.)

Enquanto os Adventistas se mantiverem unidos a Jesus, nós permaneceremos juntos. N'Ele só — não em programas ou planos — está a nossa unidade. Se nos mantivermos com Ele, manter-nos-emos uns com os outros.

Sede humildes e amáveis, agindo «com longaminidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; Um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos» (Efés. 4:1-6).



Robert S. Folkenberg

Robert S. Folkenberg é o presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.